

Comp. As

ILUSTRAÇÃO

N.º 307 — 13.º ano



INDISPENSÁVEL EM TÔDAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA
Médico dos Hospitais de Lisboa

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária

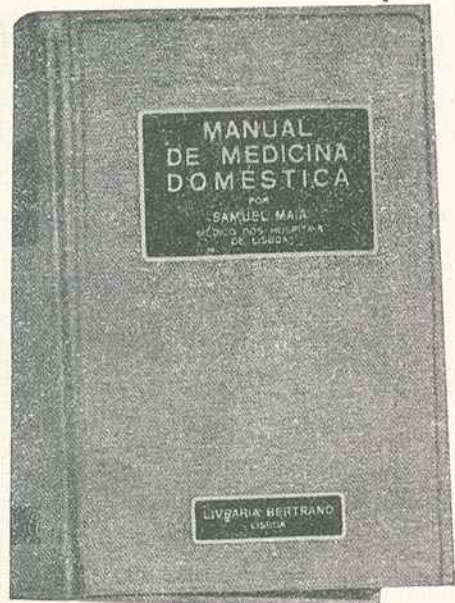
INDISPENSÁVEL A TÔDA A GENTE

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica**, é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida pelo nome do autor ilustre**, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso de um ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc.; enfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflicção e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta.

HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM — FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS — RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA



EM INÚMEROS CASOS DE DOENÇA, DISPOSTOS POR ORDEM ALFABÉTICA, ATENDE, RESPONDE, ENSINA O

Manual de Medicina Doméstica

E assim, quando na ausência de médico por o não haver na vila ou na aldeia, ser distante a sua residência, ou na sua falta, como no interior e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações quer se trate duma queda, dum envenenamento, duma dor repentina, ou dos sintomas ou das manifestações de qualquer doença.

Regra de bem viver para conseguir a longa vida

1 vol. de 958 páginas nitidamente impresso, profusamente ilustrado, lindamente encadernado em percalina **Esc. 35\$00**

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND

LISBOA — Rua Garrett, 73, 75

NOVIDADE LITERÁRIA

A RETIRADA DOS DEZ MIL

DE **XENOFONTE**

Trad. e prefácio de **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 352 págs., broch. **12\$00**
 Pelo correio à cobrança **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Director: **ARTHUR BRANDÃO**

Editor: **José Júlio da Fonseca**

Propriedade da **Livraria Bertrand (S. A. R. L.)**

Composto e impresso na **IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL** — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

Administração: **Rua Anchieta, 51, 1.º** — Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

À VENDA

AGOSTINHO DE CAMPOS

Da Academia das Ciências de Lisboa

GLOSSÁRIO

DE INCERTEZAS, NOVIDADES, CURIOSIDADES
 DA LÍNGUA PORTUGUESA, E TAMBÉM DE
 ATROCIDADES DA NOSSA ESCRITA ACTUAL.

1 volume brochado **15\$00**
 Pelo correio à cobrança **16\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



UMA OBRA FORMIDÁVEL

Destinada a grande sucesso

Premiada pela Academia Francesa com o "Grand Prix Montyon"

UM CORAÇÃO DE OIRO
(PADRE DAMIÃO)

Por **PIERRE CROIDYS**

SUCCESSO DE LIVRARIA EM TODO O MUNDO
 Obra admirável ao serviço da humanidade

1 vol. de 356 págs., broc. Esc. **12\$00**
 Pelo correio à cobrança Esc. **14\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

GOTOSOS E REUMATICOS

Em menos de 24 horas, poders acalmar as vossas dores com o

ESPECIFICO BÉJEAN



O remédio mais **ACTIVO** prescrito pelas autoridades
 médicas contra

a **GÔTA**, a **SCIÁTICA**
 OS **REUMATISMOS**
 Agudos ou Chronicos

e todas as dores de origem artritica.
 É o unico frasco bastará para vos convencer da rapidez
 da sua acção.

À venda em todas as Pharmacias &
Produits BÉJEAN - Paris

GRAVADORES
IMPRESSORES

Bertrand, Irmãos, L.ª

Telefone **2 1368**

Travessa da Condessa do Rio, 27
LISBOA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
 MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

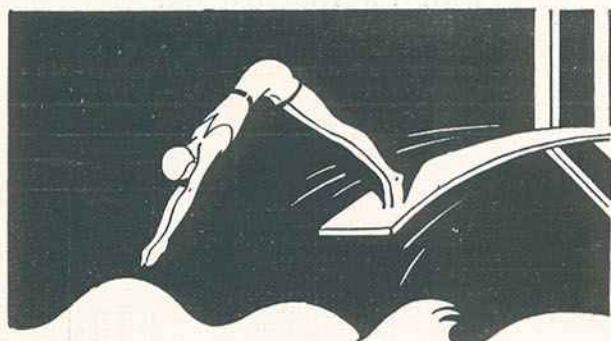
Premiada com medalha de ouro em todas as exposi-
 ções a que tem concorrido. — **DIPLOMAS DE**
HONRA na exposição da Caixa Económica Operária
 e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS
OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA

Telefone **2 2074**



Elasticidade significa bem estar

Para fazer desporto e
gostar da vida, elimine o
mal estar e as dores,
tomando



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA

À VENDA

A Patologia da Circulação Coronária

O problema da angina pectoris
O infarto do miocárdio
O síndrome de Adams-Stokes

PELO DR. EDUARDO COELHO
Professor da Faculdade de Medicina

1 vol. de 168 págs. no formato 17,5 x 26, em papel couché, profusamente ilustrado, Esc. 25\$00
Pelo correio à cobrança, Esc. 27\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

À VENDA

EDIFICAÇÕES

Pelo Eng.º JOÃO EMÍLIO DOS SANTOS SEGURADO

Sumário: O projecto de uma casa — Distribuição interna das habitações — Ordens arquitectónicas — Arcadas, pórticos, frontões, etc.

1 vol. de 260 págs., com 221 gravuras, encad. Esc. 17\$00
Pelo correio, à cobrança Esc. 19\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
75, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

A 2.ª EDIÇÃO, CORRIGIDA

MUDANÇA DE ARES

ROMANCE

POR SAMUEL MAIA

1 volume brochado 12\$00
Pelo correio à cobrança 13\$50

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Novidade literária

RECREAÇÕES FILOLÓGICAS

POR JORGE DAUPIÁS

1 vol. de 316 págs., broc. Esc. 12\$00
Pelo correio à cobrança Esc. 14\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

INTELIGÊNCIA

MENSÁRIO DA OPINIÃO MUNDIAL

Esc. 4\$00

VIVER!

Mensário de Saúde, Fôrça e Beleza

Esc. 4\$00

Livraria Bertrand — Rua Garrett, 73 — LISBOA

À VENDA

A 3.ª EDIÇÃO CORRIGIDA DA

TOPOGRAFIA PRÁTICA E AGRIMENSURA

DA BIBLIOTECA DE INSTRUÇÃO PROFISSIONAL

PELO

Coronel GUEDES VAZ

Antigo professor de Topografia

e Tenente-coronel MOUSINHO DE ALBUQUERQUE

1 vol. de 440 págs., com 281 figuras, enc. 22\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — 73, Rua Garrett, 75-LISBOA

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE:—
2 0535

N.º 307—13.º ANO
1-OUTUBRO-1938

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

Editor: José Júlio da Fonseca — Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30—LISBOA

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

NO 73.º ANIVERSÁRIO DA RAINHA D. AMÉLIA DE FRANÇA E BRAGANÇA

Benemérita fundadora do Instituto Câmara Pestana, Assistência aos Tuberculosos, Dispensários e tantas obras de caridade



No dia 28 de Setembro passou o 73.º aniversário natalício de S. M. a Rainha D. Amélia de França e Bragança que deixou a Portugal obras beneméritas que prevalecerão através dos séculos. Todos os portugueses, portanto, seja qual for a sua índole política não devem esquecer a bondosa Senhora, não só pelo muito que sofreu como pelos benefícios que da sua alma generosa receberam



Franklin Delano Roosevelt

ROOSEVELT, ao contrário de muitos chefes de Estado, não é madrugador; acorda às oito horas e meia da manhã e ainda fica uma hora na cama, onde lhe servem o almoço, e durante o qual a secretária particular, Miss Margaret Lehand, lhe lê a correspondência. Depois desta leitura, surge o criado de quarto que o ajuda a vestir; Roosevelt é côxo de ambas as pernas desde muito novo, o que não o impede de ostentar a bela aparência de homem saudável e uma disposição de espírito sempre otimista. As 10 horas começa o dia de trabalho no seu gabinete, onde já o esperam os seus dois secretários, dos quais um se ocupa das relações políticas e o outro das relações entre a presidência e a imprensa periódica. A secretária particular trabalha num gabinete contíguo e o filho do presidente, Jaime Roosevelt, encarregou-se, há poucos meses, da secretaria geral da presidência. É ele que está em contacto



O Presidente Roosevelt com sua esposa

directo com os 18 ministros e secretários que, com o novo presidente, entraram para o governo; é um lugar da maior importância e responsabilidade. Roosevelt recebe o secretário de Estado, Cordell Hull, pelo menos uma vez por dia, e pelo dia fora recebe grande quantidade de políticos e de membros do governo; todas as questões de detalhe, que o aborrecem, empurra-as para os colaboradores.

Durante o dia expede-se da Casa Branca um número avultado de cartas; as cartas particulares são ditadas pelo presidente à sua secretária, que trabalha com ele há vinte anos. Essa secretária está tão habituada e conhece tão bem o pensamento do chefe que pode escrever uma carta por ele, sem que ninguém se aperceba disso senão ele ou ela. É no próprio gabinete de trabalho que Roosevelt ingere a sua refeição do meio dia; refeição curta, que consta apenas de um prato quente, um copo de leite e uma sandwich. Na Casa Branca consomem-se grandes quantidades de leite, porque a senhora Roosevelt é de opinião que nada há de melhor para a saúde, do que esse alimento.

Roosevelt nunca bebe qualquer bebida alcoólica durante o dia e ao jantar, se há convidados, serve-se vinho da Califórnia. No entanto, antes de jantar, se por acaso está fadado ou presume que vai ter um serão maçador com políticos, que acarretará discussões, toma um *cock-tail*, para lhe "amparar os nervos", como ele se expressa. Se os afazeres lhe dão um descanso, antes de jantar, aproveita-o para fazer exercícios de natação na piscina do palácio; nesse exercício apenas pode servir-se dos braços — os membros inferiores estão tolhidos. Roosevelt, com os seus 90 quilos de peso, disfruta de uma bela saúde. Completo o trabalho do dia o presidente reúne-se com os secretários, para trocar impressões, num gabinete a que ele próprio deu o título de *quarto das crianças* e ali são permitidas todas as li-

MUNDIAL

UM VULTO OBSERVADO NA INTIMIDADE

do Estado Norte-Americano

A simplicidade do chefe

berdades de palavra ou pensamento; ninguém, porém, se atreve a dirigir-se a Roosevelt, senão pelo seu título de "senhor presidente". Roosevelt nunca frequenta os teatros; nunca aceita convites para jantares, excepto uma vez no ano em que toma parte no banquete anual da imprensa e nunca retribue as visitas de embaixadores ou ministros



O Presidente Roosevelt tomando banho numa praia de Nova-York

plenipotenciários. As refeições na Casa Branca, excepto nos dias de banquetes de gala, são de uma grande simplicidade; a dona da casa crê que os acepipes complicados são prejudiciais para a boa saúde do marido e este próprio prefere costeletas, bifés ou aves assadas e fiambre.

Roosevelt delira pelo cinema e várias vezes na semana assiste á passagem das



A família Roosevelt



O Presidente Roosevelt no seu desporto favorito — a pesca

quem mais facilmente se possa comunicar ao telefone do que o presidente Roosevelt e, quando se trate de assuntos de importância, pode ser chamado a qualquer hora do dia ou da noite. Roosevelt liga muita importância ao esmero da sua toilette e diz-se que é ele o mais elegante de todos os presidentes norte-americanos,

Todas as noites transmite ao seu criado de quarto as instruções necessárias, quanto à toilette do dia seguinte. Roosevelt é muito fiel aos seus antigos amigos e dispõe sempre de tempo para os receber; pede conselhos a miúdo, mas não gosta que lhe dêem, quando ele os não pede; nunca perde a sua linha de gentleman, se por acaso alguém comete alguma falta, que lhe desagrade. O presidente em ar de brincadeira apelida de impossíveis as comidas que lhe servem e, como uma criança, exige que, pelo menos uma vez na semana, lhe sirvam neve de chocolate à sobremesa.

O seu sport preferido é a pesca; todos os anos as suas férias são prolongadas, porque entende que não se deve exagerar o trabalho. Passa duas semanas numa estação termal, Warm Springs, onde fundou um estabelecimento para tratamento

de doenças infantis e o resto das férias deambulava pelas margens dos rios férteis da América em busca de frutas ou salmões. A sua pensão do estado é de 75.000 dólares ou seja em dinheiro português: um milhão e seicentos e cinquenta mil escudos anualmente ou cento e trinta e sete centos e quinhentos

por mês. Roosevelt completou 56 anos no dia 24 de Janeiro último e melindra-se se parentes, amigos e pessoas, que o cercam, não se lembram de lhe trazer um presente, ainda que não seja senão uma pequena gulodice. Fala francês com perfeição, o que é raro num americano, e não perde a ocasião de mostrar os seus conheci-



Mrs. Roosevelt

mentos da língua. As viagens são o seu maior prazer e é com entusiasmo que anuncia a sua futura viagem à Europa, quando a política lhe devolva a liberdade.

Está convencionado que nenhum presidente dos Estados Unidos se deve propor à candidatura daquela alta magistratura mais do que duas vezes. O único presidente que faltou a essa tradição foi Teodoro Roosevelt, parente longínquo do actual, que, tendo-se apresentado pela terceira vez, não conseguiu ser eleito. Nos duzentos anos de história dos Estados Unidos nenhum dos seus presidentes se pode ufanar de ter exercido o cargo por mais de oito anos.

Eis em toda a sua simplicidade, o grande homem que dirige neste momento a grande nação norte-americana.

Estas grandes figuras que se impõem ao Mundo pela sua inteligência, firmeza, decisão, que orientam povos a formidáveis destinos, quando vistas pelo seu criado de quarto, aparecem quasi sempre diminuídas.

Com Roosevelt, não. Visto na intimidade ainda parece maior.

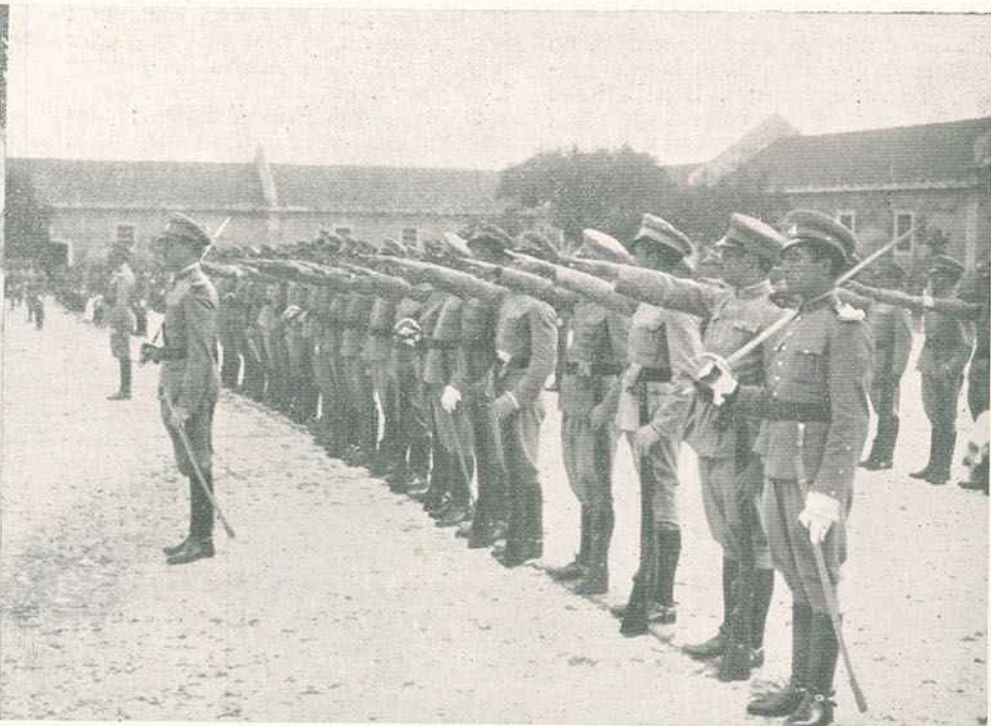
ADOLFO BENARÚS.



As expressões do Presidente Roosevelt em vários discursos de propaganda eleitoral que preferiu para a sua eleição

ECOS DA QUINZENA

O DILEMA DA GUERRA E DA PAZ



O juramento de bandeira feito pelos cadetes que receberam instrução em Cavalaria 2. O sr. major Carvalho, representante do sr. Governador Militar de Lisboa assistiu à cerimónia, tendo lido a fórmula do juramento o sr. alferes Raio, tendo discursado o sr. major Almeida Ribeiro. Após a cerimónia, realizou-se no campo de obstáculos uma «poule» hípica entre os futuros oficiais milicianos, tendo se classificado, em 1.º, 2.º e 3.º lugares os cadetes srs. Mendonça, Narciso e Capelo



Na igreja de S. Domingos realizaram-se preces pela paz, tendo presidido o sr. Cardial Patriarca de Lisboa. Em face da intranquilidade em que neste momento se debatem as nações cuja discordia ameaça generalizar os flagelos devastadores da guerra, apela-se para Deus cuja misericórdia pode afastar o pavoroso mal que parece querer desabar sobre a Humanidade

A EXPANSÃO DA RÁDIO

ATENDENDO ao importante papel que a T. S. F. desempenha, hoje em dia na vida dos povos poderia supôr-se a existência de milhares de estações emissoras em tôda o Orbe e que as estações que prestam serviços ao comércio e à navegação não tivessem qualquer importância, sob o ponto de vista numérico, comparado com as da Rádio.

O número total das estações emissoras no mundo inteiro é calculado em 36.000 sem contar as estações radiofônicas transportáveis e portáteis do exército, das forças navais e aéreas, e da polícia de todos os países. Umas 28.000 destas 36.000 estações emissoras estão instaladas em barcos, aviões e automóveis, e de tal forma, que podem ser desmontadas em poucos minutos, restando, portanto, 8.000 estações como centrais radiofônicas fixas. No entanto, a maior parte destas 8.000 estações emissoras estão ao serviço do tráfego, em parte como "balizas emissoras," para o serviço aéreo, em parte como estações rádio goniométricas terrestres para o tráfego aéreo e marítimo, e finalmente como centrais de informações para o comércio e a navegação aérea e marítima. As estações radiofônicas fixas maiores, mais antigas e mais conhecidas servem para as estações emissoras de ondas largas e curtas ao serviço internacional de informações e à telefonia sem fios. Entre estas figura talvez como a mais famosa a estação emissora Telefunken de Nauen, fundada há mais de 30 anos e a sua estação receptora de Beelitz.

Um certo número de estações emissoras servem para a transmissão sem fios de fotos para o Ultramar.

Nauen dispõe já de 8 linhas para transmitir imagens que estão em pleno funcionamento.

Das 8.000 estações fixas ficam, como se vê, muito poucas à disposição da Rádio, isto é, cerca de 1860 em todo o mundo com uma potência total de uns 12.500 Kw.

Quási duas terças partes de estas 1860 estações emissoras se encontram na América e o mais surpreendente é que unicamente umas 400 — menos da quarta parte de tôdas as estações emissoras do mundo inteiro — estão instaladas na Eu-

ropa subdividida em tantos países pequenos.

Assim como é irregular a maneira como as estações emissoras estão repartidas pelo mundo, irregular é também o número dos receptores. Enquanto que nos Estado Unidos um aparelho receptor corresponde a uns cinco habitantes, na Alemanha corresponde a dez, e na China a 1.100.

No futuro, é de crer que a Rádio encontre na China um grande campo para a sua evolução. A própria América do Sul está ainda muito pouco adiantada no que diz respeito a T. S. F., não obstante terem sido instaladas em 1920, antes da Europa Central, as primeiras estações emissoras.

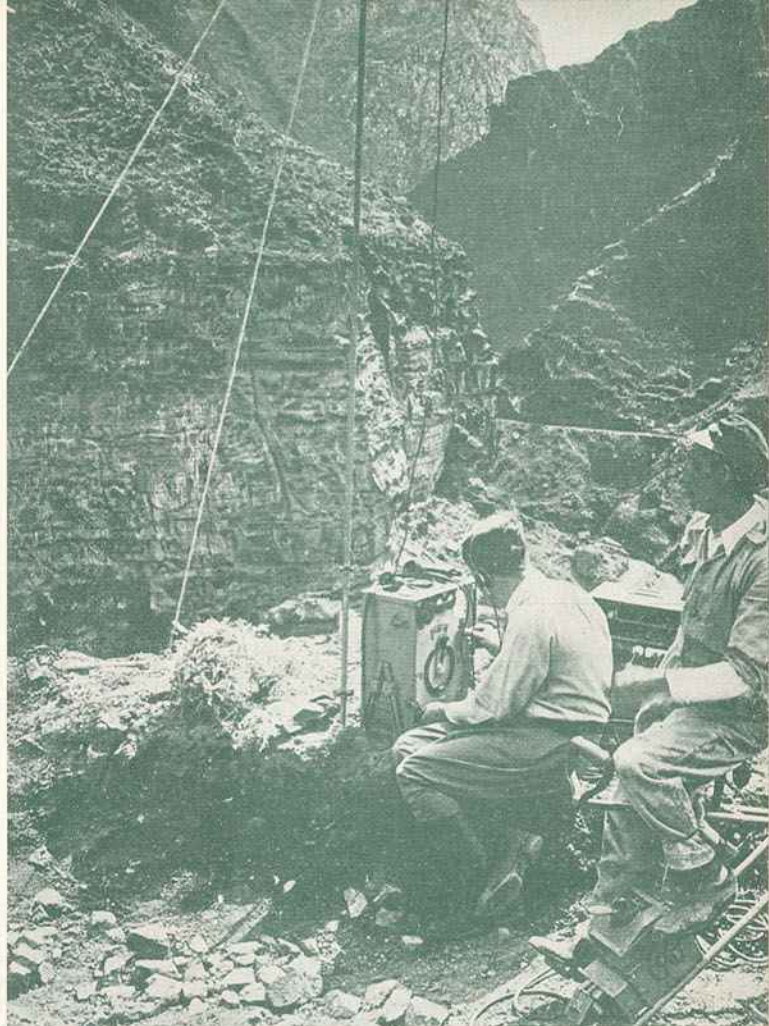
Devemos ter em conta que o desenvolvimento em cada país varia, segundo o carácter dos habitantes, segundo a densidade da população e a colonização da região.

Em contraposição à distribuição relativamente proporcional da população europeia no campo e nas cidades, a população reduzida da América do Sul aglomera-se, em parte, em poucas grandes cidades, e estende-se ao longo dos campos.

Partes enormes da América do Sul encontram-se ainda inexploradas, formando selvas virgens impraticáveis e montanhas inacessíveis.

Assim não admira que a América do Sul continue a ser "território a explorar," apesar dos esforços da Rádio.

O ano passado a Telefunken enviou alguns engenheiros aos países sul-americanos para estudo das condições da Rádio. Esta expedição conseguiu percorrer um trajecto de 25 mil quilómetros em 7 meses, por estradas horrorosas e em



Uma das estações portáteis de 15 vátiols colocada nas Cordilheiras do Peru a 4.000 metros de altura. A energia é conseguida por um gerador de pedal

péssimos carros, atravessando cumes de mais de 4.000 metros de altura sôbre o nível do mar. No Peru, por exemplo, nas Altas Cordilheiras, foram efectuadas provas com um pequeno aparelho emissor de 15 vátiols, isto é, metade da energia de que necessita uma lâmpada de quarto. Estas provas foram feitas para comprovar que também sob as condições mais desfavoráveis se poderia ser ainda maior.

Também um engenheiro alemão estabeleceu regras para o serviço radiofônico, que mais tarde serviam de modelo para vários estados sul-americanos, como a Colombia e o Peru. Entre estas regras figuravam, por exemplo, o decreto obrigando a instalar tôdas as emissoras fora do raio das cidades, a fim de que se pudesse receber em cada cidade várias estações emissoras, e que até então se tornara impossível por motivo da mínima distância entre as distintas longitudes de onda e do mau costume de não guardar as ondas escolhidas e porque também a mais insignificante estação emissora local instalada no meio da cidade não deixava ouvir as outras estações emissoras.

ANDRÉ LION.



Guerra Junqueiro

VOLTADA a última página do livro de Lopes d'Oliveira, fico também ouvindo, novamente, o grande Poeta. Era assim mesmo. Prendia e encantava todos os que dele se aproximassem. E, se nem sempre os convertia, nem por isso deixavam de ser impressionados pelo fogo do génio que irrompia daquele cérebro estranho.

O livro de Lopes d'Oliveira é disso impagável testemunho. Ali está ele, de novo, passeando, orando, evangelizando.

O seu devotado companheiro, inconsolável com a morte do Mestre e do Amigo, tanta vez recolheu o seu espírito, que alcançou o milagre: levantou-o do túmulo, reanimou-o e começou a escutá-lo...

Dessas falas, o Mestre, que a actual geração teima em não querer ouvir, nem ver, torna a ser o que foi: eloquente, humano, religioso. Mais ainda: coerente com o seu passado combativo. Deus, a Liberdade e a República continuam sendo a sua preocupação de toda a hora. E à Liberdade e à República não podia separá-las, tão identificadas as mantinha no cenário da vida portuguesa.

Liberdade, fraternidade, tolerância: ou fosse, para ele, a República.

Assim morreu; e assim o ressuscitou agora Lopes d'Oliveira, nesse livro que ninguém pode já separar das suas obras — tão vivo ali nos aparece. Vivo, inteiro,



Dr. Lopes d'Oliveira — caricatura por Albuquerque

genial, como fôra no período aureo da sua existência.

A sombra que ilumina a capa das *Memórias*, não é retrato, mas sim aparição.

Junqueiro ergueu-se da necrópole de Belem, e olha, com espiritual serenidade, aguardando o círculo de amigos, que não tardam.

Sombra muda? Contudo, como ela está falando àqueles que o amaram e seguiram!

Como eu também o estou ouvindo...

Era no Grande Hotel do Porto. Bernardino Machado preparava-se para a grande jornada política desse dia — o discurso nas Portas do Sol, que foi, pode dizer-se, a primeira declaração ministerial que esse homem público fez ao seu país, nessa tribuna da cidade que elaborou o primeiro programa da República e por ele se batera na madrugada histórica de 31 de Janeiro.

No quarto, onde o ilustre professor estava fazendo a sua *toilette*, mas ainda embrulhado num gabão — o meu varino de Aveiro, que eu nesse tempo usava e usei, enquanto a saragoça resistiu — encontrava-se também o antigo estadista Augusto Fusquini, que entrara pouco antes.

Nisto surge Guerra Junqueiro, que não precisava anunciar-se.

Cumprimentos, abraços e larachas de Fusquini, que era, na verdade, um espírito brilhante e gracioso.

O autor da *Pátria* sentou-se, coifou a longa barba, que alinhou sobre o peito... E, perante o dr. Bernardino, vestido de gabinardo, mas com a sua mala de viagem, apetrechada de estojos que — sempre correcto, na sua indumentária, como na linguagem e na política — não escondia de ninguém. Escovas, pentes, sabonetes, o espelho, a pasta, a calçadeira, a tesoura, o limador; ganchos de várias formas e feitios, para chamarem à casa o botão respectivo — no colarinho, no peitilho, ou na bota; peças para manterem a calça, o colete, a gravata, nessa linha harmónica, impecável, que a ninguém confiava; e, além disso, o frasco de Colónia... Quando Junqueiro viu semelhante aparato, não se pôde conter, ele que se vestia com a maior simplicidade ("não me visto, cubro-me"), chegando, por vezes, a dar-nos a impressão de desleixo.

E começou a invectivar aquele que se propunha converter à República as multidões:

"— O Bernardino! Como tu desvirtuas a nobre função de apóstolo a que te propões! Para que é tanta bugiganga? De que te serve tanta nica, se és um homem perfeito? Tu, lente catedrático do mais alto instituto de cultura nacional, desces a amaneirares-te e perfumares-te como qualquer janota elegante do Chiado..."

"Não, Bernardino, tu não és isso, e nós também não queremos que tal sejas. Porque te não convém nem à Nação, cuja causa defendes com inteligência e com ardor incomparável..."

Nesta altura, o dr. Bernardino, surpreendido, mas curioso por saber onde aquilo

EVOCANDO

Junqueiro e Bernardino

Como o autor da "Pátria" queria

iria dar, voltou-se para o velho amigo que, a pouco e pouco, fôra dando à voz um tom quasi solene.

O Fusquini, que até ali entremeára, com os habituais ápartes, a fala satírica do poeta, acabou também por atentamente escutar, como eu, que puzera de parte os linguadros com o discurso que, daí a pouco, tinha que remeter aos diários republicanos da cidade.

Não é possível hoje, a 34 anos de distância, dar uma ideia do que foi esse monólogo estupendo. Nem tento fazê-lo; e, por isso, me limito apenas a trasladar aquilo que a memória não esqueceu de todo.

"— Bernardino! Arruma esses estojos; guarda a quinquilharia que trouxeste, e vai assim. Deixa que brilhe apenas a tua inteligência e a tua alma e não receies o futuro, que ele abençoará o teu esforço, multiplicando, mil por uma a semente que hajas lançado ao campo, cuja surribe todos te confiámos. Vai assim, Bernardino! Leva o varino do Tomás, fala ao Povo a linguagem da Verdade, e fica certo que não haverá alma, por mais fria, que te não aplauda como Chefe e proclame como libertador da Pátria. Com a acção de todos esses apetrechos e cosméticos, só poderão dizer que és um homem bonito e elegante, mas duvidarão do que lhe fores pigar.

"Vendo-te, porém, sob esse aspecto simples, mas tão português e humano, todos te aclamarão e seguirão, como nos tempos bíblicos seguiam Jesus na Galileia e S. Paulo através das aldeias e cidades da Ásia."

Eu tinha ouvido, muita vez as falas de Junqueiro, mas nunca o verbo lhe fulgira naquela hora de esperança e de fé no advento duma nova era. E estávamos suspensos...

Fusquini, que vira a minha mesa transformada em banca de jornalista, segredou-me: — *Não sabe taquigrafia?*

Abanei com a cabeça. Não havia taquigrafo, e foi pena, porque se perdeu essa oração de tamanha beleza.

"— Bernardino! O apóstolo que pretende chamar e converter os que no mundo erram, transviados, nunca descem a coisas de tão pequeno âmbito. São ridículos. Mais ainda — são falsos. E o povo sabe distinguir entre quem tudo sacrifica a uma nobre ideia a quem se prende, antes de aparecer no mar de Tiberíades ou no Areópago de Atenas, com tais bugigangas, que só servem para diminuir, desvirtuar ou ludir.

"É nobre o teu apostolado, Bernardino; mas incoerente e falha de beleza moral a atitude que tomas perante o teu espe-

O PASSADO

Bernardino

os apóstolos do ideal republicano

lho, que reproduz não a alma que tens, mas a gravata que ajeitas e a casaca que te dispões a envergar.

"Não, Bernardino: isso não te engrandece. Pelo contrário: apouca-te, e, contigo, a causa que defendes.

"Considera que não foi anelando a cabeleira e pulindo a sandália que o Nazareno revolucionou o mundo. Foi exteriorizando a sua grande fé e a todos abrindo o coração, que pulsou sempre sob o único vestido que as multidões

lhe conheceram — aquela pobre túnica, que os fariseus lhe ensangantaram e jogaram depois, à sorte, no Calvário.

"Atasta para longe, tão complicada indumentária. Descalça a meia e a botina; retoma a sandália de Francisco de Assis, e parte... Verás como as aldeias e as cidades se erguerão à tua voz, e seguirão, de olhos no céu e a alma em Deus, à conquista da Terra Prometida, que hoje te propões anunciar.

"Mas não envergues esses artifícios, cujo talhe Satanaz inventou e um alfaite inconsciente copiou e te cingiu ao corpo. A voz que ressoar dessa ridícula farpela não terá eco em ninguém, porque o povo, vendo-te como todos os outros Conselheiros de Estado, de chapéu alto e luvas, sentirá no seu peito uma nova e grande desilusão.

"Bernardino: parte! Leva esse varino e essas sandálias e podes ir seguro da missão que a Pátria te confia, porque não só o Pôrto, em péso, mas Portugal inteiro



O Apóstolo das Orações — desenho de Rafael Bordalo Pinheiro

acorrerá ao teu encontro e a República será, enfim, proclamada!

O Fusquini, que se sentava ao lado, não se conteve e abraçou-o. O dr. Bernardino, sempre de pé, muito sério, disse não sei que foi, que não ouvi. E como poderia eu ouvi-lo, se, a meu lado, continuava, encantando-me, o grande Poeta, que nesse dia foi maior que nunca?

Ouvindo-o, agora, novamente, através do livro de Lopes d'Oliveira, como sinto presente esse homem estranho, que transformava em luz tudo quanto o seu génio tocasse!

Parece que a geração actual não compreende o respeito e quasi veneração que lhe tributaram os seus contemporâneos!

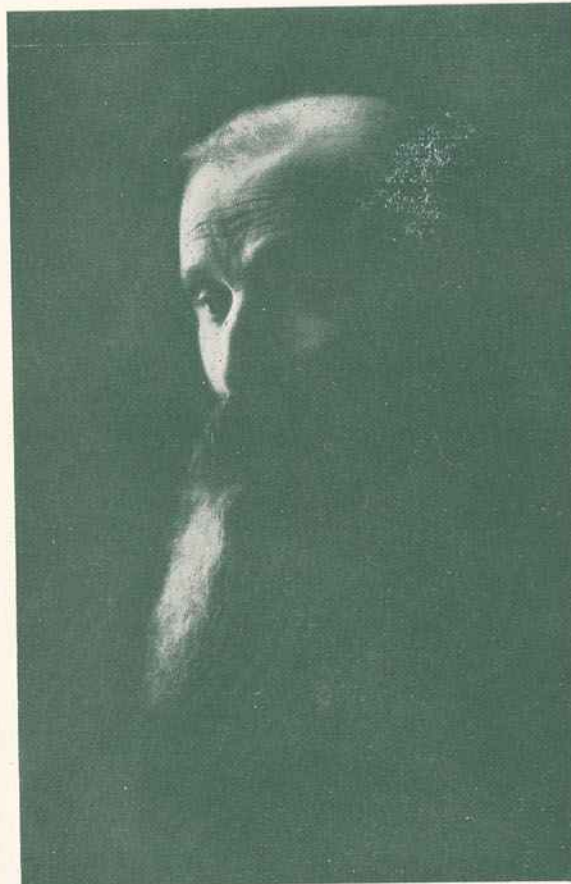
Não admira que tal fenómeno se dê Entroncheada na lôrre donde proclama e aponta, *urbi et orbi*, os astros das suas constelações, como poderá ver, cá tão em baixo, a figurinha frágil dum poeta, que, de mais a mais, vestia mal? Razões há, pois, para que já não descortine ou tenha de todo apagado os meteoros que há pouco ainda bruxuleavam no pequenino céu aberto às gerações passadas.

Não pretendo ler nas idades futuras, porque nunca tirocinéi para vidente. Contudo, tenho para mim que não deve estar longe essa outra geração, que ha-de medir e comparar o poeta dos *Simplex* com os génios de agora, verificando, sem espanto, que a maioria dos que actualmente o acalcanham, caberão todos, à vontade, na sombra da sua estátua.

¶ Voltaremos ainda ao livro de Lopes d'Oliveira, que tão nobremente nos veio restituir o Poeta, que muitos julgaram morto para sempre.

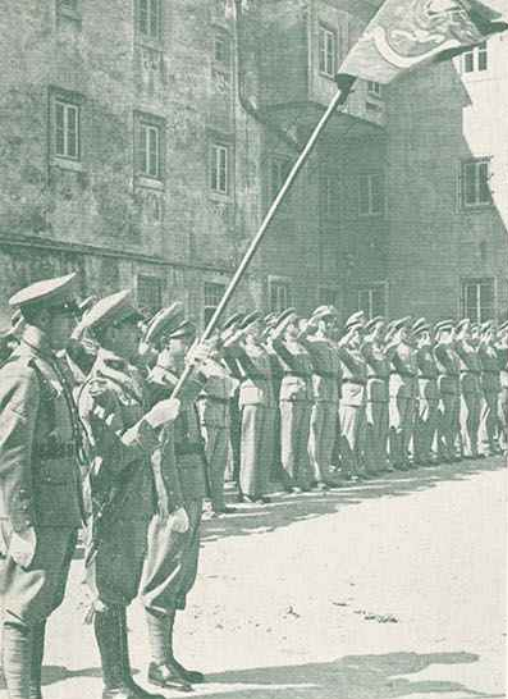
Nazaré, 10 de Setembro de 1938.

TOMAZ DA FONSECA.



Guerra Junqueiro

OFICIAIS MILICIANOS



Em algumas das unidades da guarnição militar de Lisboa, onde funcionam as escolas de oficiais milicianos, realizaram-se com o cerimonial da praxe, os juramentos de bandeiras dos cadetes que frequentaram aqueles cursos. As várias gravuras que ilustram esta página, mostram alguns exercícios realizados nessa ocasião



ASPECTOS DA ALEMANHA



O general Wullemin agracia o capitão von Moreau com a condecoração militar francesa.



O prof. Hemkel, proprietário de fábricas de aviões que o recebeu quarto prêmio nacional.



O prof. Willi Messerschmitt, construtor de aviões que recebeu o terceiro prêmio nacional.



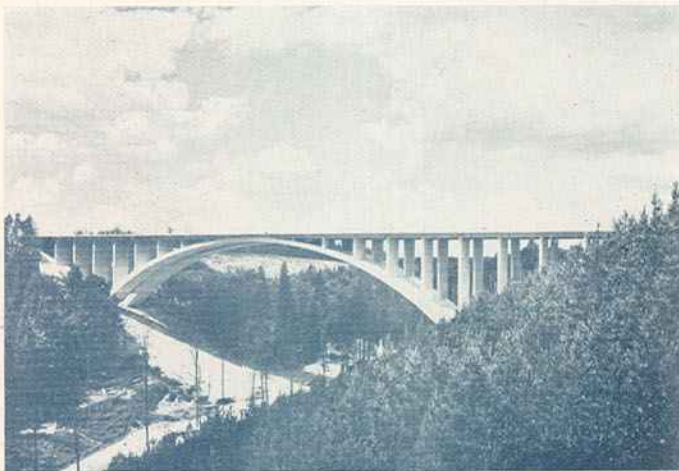
Delegados japoneses e italianos na tribuna de honra da Zeppelinwiese, observando o desfile dos 40 mil homens do serviço de trabalho nacional.



Hitler recebendo em Nuremberg uma delegação de jornalistas japoneses durante a 10.ª assembleia do partido da «Grande Alemanha» em Nuremberg.



O ministro da Noruega, o embaixador de Inglaterra, o embaixador da França e o sub-secretário de Estado no Ministério dos Estrangeiros do Reich na Assembleia de Nuremberg.



O viaduto do Diabo sobre o qual segue um trecho da auto-estrada que conduz de Dresden até Weimar e que mostra o adiantamento das comunicações



Sérgio Pauser

Éis um grande pintor, Sérgio Pauser, que consegue triunfar entre milhares de pintores. Chamam-lhe o pintor de mulheres e, com efeito, os retratos femininos saídos do seu pincel são autênticas maravilhas.

Mas Pauser não pinta unicamente mulheres. Se bem que os retratos femininos constituam o grosso da sua obra, este artista adora tudo o que possa traduzir pela magia da cor.

A *Florinha azul*, o *Moinho vermelho*, a *Bondosa aldeã* e a *Paisagem verde* conquistaram os mais francos aplausos.

Na Exposição Internacional do Instituto Carnegie, de Pittsburgh, realizada nos Estados Unidos, em 1935, obteve



Gattin de Knattler

por uma paisagem a "quarta distinção de menção de honra gloriosa", que representa a pérola fina da corda dos outros prémios por êle conquistados.

Compreende-se que todo aquele que assim triunfa tem a verdadeira noção do seu valor, e conseguirá desferir o seu vóo a incomensuráveis alturas.

Procurou personalizar-se, encontrou a sua maneira que, dia a dia, foi consolidando.

Este grande pintor encontra nas mulheres lindas um meio encantador para revelar a sua arte.

Pois haverá alguém que não fique extasiado diante da beleza — a beleza simbólica sintetizada por um corpo feminino, por um rosto de mulher?

A razão do pecado original não está na malvez da pífida serpente, mas na beleza sedutora que Eva patenteou aos olhos extasiados de Adão para o convencer a partilhar da endiabrada maçã.

É a Frineia? Como se deu a espantosa reviravolta no critério rígido dos juizes de Atenas?

Frineia era acusada de impiedade, devendo, portanto, ser condenada à morte.

A famosa corteiz compareceu ante o tribunal dos heliastas. Quem veria nela a antiga vendadora de alcarras e locadora de flauta que, um dia, entrara

na cidade de Atenas com uma humildade que, a breve trecho, se havia de tornar no mais soberano orgulho?

A sua formosura a todos deslumbrou, cativando mais que a nenhum o grande escultor Praxiteles.

Os atenienses chamavam-na o *crivo*, atendendo à sua extraordinária habilidade em passar pelo crivo as maiores fortunas.

Diz uma lenda que, após a destruição de Tebas, por Alexandre, a formosa Frineia se ofereceu para reedificar a cidade à sua custa, sob a condição de ser colocada sobre a porta principal esta inscrição: «Alexandre destruiu e Frineia reedificou». Os tebanos recusaram.

Pois a deslumbradora Frineia



Judith Holmeister

empregou a sua melhor eloquência, mas tudo em vão. Frineia ia ser condenada.

Como salvá-la? Foi então que o genial defensor teve a ideia de desnudar a ré perante os juizes, bradando:

— Condenai-a, se podeis! Vêde esta beleza incomparável que só pode ser obra dos deuses. Destruí-a, se vos apraz, mas cometeis o mais horrível crime, o mais apavorante sacrilégio! Se pretendes cumprir a lei que pune a impiedade, cometeis um crime de lesa-beleza!

Os juizes ante a beleza de Frineia, absolveram-na.

E mais tarde, esses severos zeladores da lei, reuniram-se aos peregrinos que foram assistir às festas de Eleusis, para verem a divina Frineia sair do mar completamente nua, enovelando os cabelos.

Então adoraram-na como se estivessem diante da própria Afrodite que, por certo, a protegia das alturas luminosas do Olimpo.

A MAGIA DA COR

Sérgio Pauser — pintor de mulheres

A realidade interpretada por este ilustre artista

Sempre assim foi e sempre há de continuar a ser enquanto o mundo fôr mundo.

A mulher bonita é uma dádiva divina,



Dr. Charlotte Bühler

é o mais doce lenitivo nas horas sombrias que tanta e tanta vez o perseguem através da sua existência.

A beleza é uma fortuna incalculável. Quando um pintor ama uma mulher, tem de se afastar para lhe reproduzir a beleza na tela. Haja vista o caso de Leonardo de Vinci que dizem ter sido admirador ou mesmo amante da Mona Lisa, essa Gioconda do sorriso imaginário que ainda hoje ilumina o Louvre.

Leonardo levou anos a pintar esse delicioso retrato.

Assim deveria ser, pois quando se ama, dificilmente se fixa um ponto de vista, fixando-os todos. Desta maneira, os sentimentos vão-se modificando a todo o momento, vendo-se o artista na simples situação de um instrumento impellido por um força superior.

Afirma-se até que Leonardo teve de se afastar repetidas vezes da sua amada, afim-de se furtar à influência da sua personalidade, para poder criar a sua obra prima.

Em boa verdade, o pintor carece da sua firmeza, da sua independência soberana. A sua verdadeira acção não é compatível com os anseios de uma alma trêmula, a fim-de poder olhar francamente e possuir a indispensável firmeza que não seria possível com o pensamento.

Por isso, Leonardo de Vinci teve de destrinçar e separar duas almas que es-

voaçavam dentro de si próprio: a do amante e a do pintor. E uma tal tarefa, para um espírito amoroso como o dele, foi penosa, longa, cruciante.

Por um prodígio de génio, emancipou-se!

E como os velhos mestres conheciam as leis da arte, e os mais recônditos segredos da mais profunda técnica!

O pintor que ama não é um criador, é um autómato impellido por uma brisa suavíssima, lagueira. Não pinia, sonha; não raciocina, extasia-se; não observa, enternece-se.

E assim vive sonhando. Depois do sonho desfeito, evocando ainda a sua passagem pelo inferno e pelo céu, tal como o Dante à procura da sua Beatriz, depois de cair novamente em si, é que poderá recolher as suas sensações embora definhadas pelo hábito cruel da experiência. Nessa altura, e que poderá reproduzir fielmente a ilusão do passado.

É que dentro da realidade não é possível criar uma outra realidade, porque só pode haver uma...

A realidade acima de tudo. E por isso que admiramos cada vez mais o pintor Sérgio Pauser.

O que este artista mais ama na mulher, os encantos que os seus olhos absorvem, traduz êle em cores. Em vez de uma doce carícia, dá-nos uma face com tons de uma grande ternura; em vez de um beijo, confia-nos uns lábios de um vermelho tentador.

A nosso ver, o verdadeiro pintor é aquele que exprime os seus sentimentos e as suas emoções em cores cuidadosamente combinadas; é o que simplifica as linhas e transforma a beleza em cor.

Pauser, como se vê, é um retratista de grande envergadura, é moderno, e não se submete ao gosto de quem lhe encomende um retrato; obedece às leis arquitecturais de uma grande simplicidade, às leis da cor como "meio de prazer".

É este o artista que temos a honra de apresentar hoje aos nossos leitores.

A arte tem verdadeiros fenómenos que assombram quem não os souber enfrentar condignamente. É certo que ainda não apareceu no Mundo o verdadeiro padrão da beleza, porque os gostos são relativos e cada um tem as suas preferências.

O que uns encontram maravilhoso, outros acharão vulgar, e assim sucessi-

Madame Lilla Herrgesell



Lilla Goldbarbeter

vamente. Será mais bela a *Dona velata*, de Rafael ou a *Mona Lisa*, de Leonardo de Vinci? Eis uma pergunta a que não seria fácil dar resposta acertada, visto nada haver a dizer.

Em qualquer desses retratos reflete-se o génio do artista que o pintou. Essas pinceladas geniais patenteiam a grandeza do talento de um pintor.

São belos ambos os retratos. Mas não tenteis estabelecer comparações que dareis uma triste ideia de vós.

JOÃO FELIX KRAUS



Madame Lilla Herrgesell

NUMA loja de antiguidades:
 — Não me parece que esta cadeira seja tão antiga como o senhor tenta fazer crêr...
 — Pois olhe que é antiquíssima. Estava tão comida pelo caruncho, quando a comprei, que foi preciso mandar fazer-lhe umas costas novas, um assento novo e e três pernas também... Já vê...

Um pobre diabo sonhou estar falando com Santo António que lhe perguntou o que desejava.

— Neste momento o que me fazia mais arranjo era uma certa quantia para endireitar a minha vida.

— Quanto?

— Mil libras, para começar.

O santo tirou debaixo do hábito uma volumosa carteira cheia de notas de cem escudos.

— Queres as mil libras em notas ou em oiro?

— Em oiro, se puder ser.

— Então espera um pouco que eu vou trocá-las.

E o santo desapareceu.

Entretanto acordou o pobre homem que, dando um profundo suspiro, murmurou convicto:

— Antes eu tivesse aceitado as notas!

— Não casei no dia 23 por ser sexta-feira. Dizem que os casamentos à sexta-feira trazem infelicidade.

— Ora, deixe-se disso. Trazem infelicidade, é certo, mas não é por se efectuarem às sextas-feiras, mas em qualquer dia da semana.

— Ó mulher! Eu não quero contrariar-te, mas essa saia a meu ver, está curta de mais.

— E que tem isso? Usa-se assim...

— Mas mostra mais do que o conveniente.

— Ora, deixa lá... Eu sempre ouvi dizer que uma mulher honesta nada tem que ocultar aos olhos do mundo.

— Mas hoje em dia só é gordo quem quer. Há tratamentos absolutamente eficazes.

— Isso é verdade. Mas de que serve isso?... Quando me trato, emmagreço um pouco; mas fico tão contente por ter emmagrecido, que engordo outra vez!

— Nunca te supuz assim, Jorge. Antes de nos casarmos enchias-me de presentes...

— Isso era outro tempo...

— Pois sim, mas agora nem um mísero par de meias. Sempre gostava de saber porque é isto.

— Ó mulher! que falta de entendimento o teu. Tu já viste algum pescador



dar isca ao peixe depois de o ter apanhado?

— Mas afinal, o que faz êsse rapaz que vai casar com a Clotilde?

— O que faz? Está bem de vêr que faz a maior asneira da sua vida.

A D. Perpétua, sogra terrível, sobe ao quarto andar em que habita o genro.

Este, ao vê-la quasi a deitar os bofes pela bôca fora, pergunta-lhe:

— Custa a subir, hein?

— Ah! meu filho, venho quasi morta.

— Estes mestres de obras — resmungou êle — nunca fazem as coisas completas.

Um autor dramático, tendo-se batido em duelo, contava aos amigos a emoção desse momento.

— À voz de fogo senti uma bala assobiar-me ao ouvido.

— É curioso! Como a bala o conheceu!

Num baile, um janota tenta lisongear uma dama tão formosa quão estúpida:

— V. Ex.^a tem o verdadeiro tipo espa-

nhol. Tem graça, encanto, *salero*. O seu pai é madrileno?

— Não, senhor. Meu pai é negociante de vinhos.

— Não nasci para esta vida. Estes compromissos comerciais dão cabo de mim.

— Não se rale... Faça como eu... Tudo o mais corre por si.

— Isso é bom de dizer. O que faz o senhor quando lhe apresentam uma letra à vista?

— O melhor que tenho a fazer: fecho os olhos.

Numa alfaiataria.

— Gostava deste fato, mas as calças estão muito curtas.

— Ah! isso não estão — replicou o alfaiate — parece que estão em boa medida.

— Então eu não vejo?

— Queira perdoar, mas não é bem assim... A falar a verdade, V. Ex.^a é que tem as pernas um pouquinho compridas. Agora, as calças estão bem.

— Mas a senhora mostrou o contrato de arrendamento ao procurador do senhorio? — perguntava o advogado à sua cliente.

— Mostrei, sim, senhor.

— E êle?

— Disse-me que fôsse para o diabo.

— E a senhora?

— Vim ter com o senhor...

Num baile:

— Não faz ideia como o meu marido é ciumento! — diz uma dama ao seu par — só me deixa dançar com homens feios de que nada há a recear.

— Pois comigo sucede precisamente o mesmo. Minha mulher só consente que eu dance com mulheres horrorosas, que já não têm ponta por onde se lhe pegue...



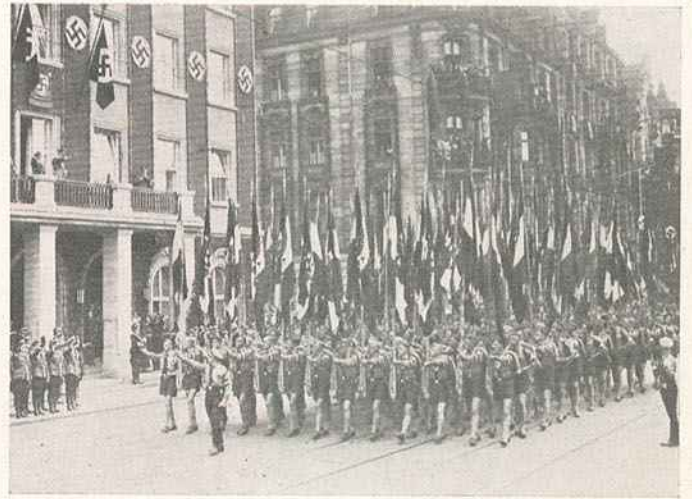
— Esta carta anónima prova que me enganas!

— Uma carta anónima?... Bastava lêr ser anónima para se ver que era uma infâmia sem nome!

ACTIVIDADES ALEMÃS



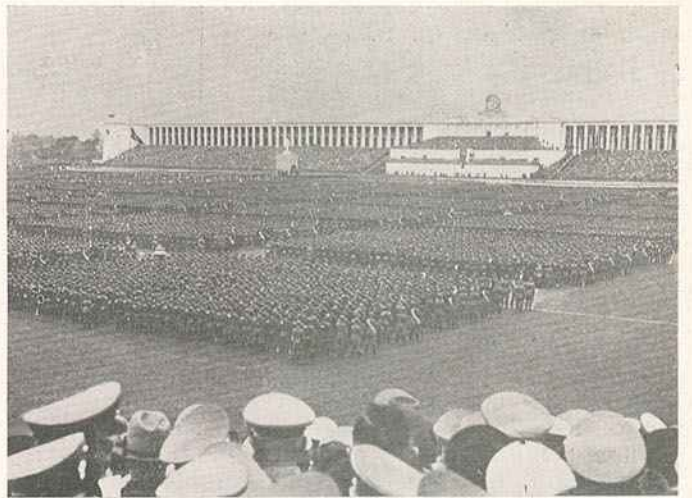
O sub-chefe da milícia fascista italiana Gautieri na sua chegada a Nuremberg, a fim-de tomar parte na 10.^a assembleia do partido da «Grande Alemanha» celebrada naquela cidade



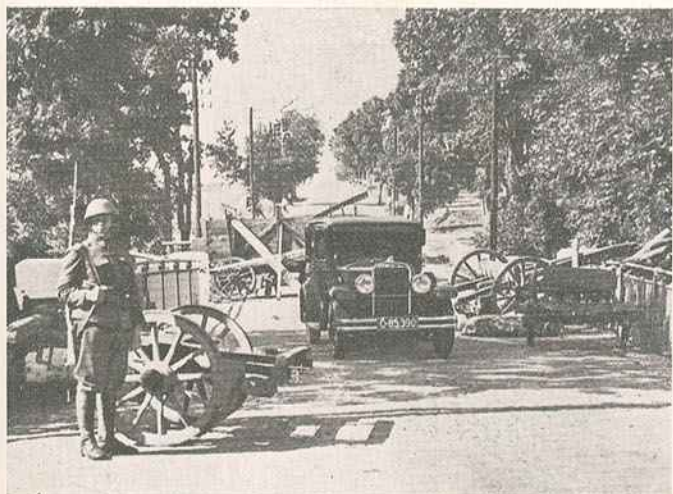
O desfile da juventude hitleriana vinda de todos os distritos do Reich até Nuremberg desfilando diante de Hitler que o saúda da varanda do hotel falando-lhe num futuro melhor



Hitler saudando as chefes do corpo de serviço na Zeppelinfeld, por ocasião da 10.^a assembleia do partido em Nuremberg



Aspecto da Zeppelinfeld (Campo de Zeppelin) e das unidades de trabalho que ali prestam os serviços afanosamente



Perto de Carlsbad, a tropa guarda a estrada que conduz à fronteira alemã, tendo sido instalada uma barragem sumária



Os refugiados sudetas lendo numa escola de aldeia alemã as últimas notícias, e jogando despreocupadamente para passar o tempo



Três regionais da Checoslováquia

De Berlim a Dresden, capital da Saxônia, onde foi rainha, no século passado, a princesa D. Ana Maria, irmã de D. Luís, são cerca de quatro horas em caminho de ferro. O trajecto desenvolve-se através de planícies bem tratadas, cortando cidades e aldeias onde se respira tranquilidade e se nota, bem vincado, o ambiente de trabalho e de confiança, característica predominante do III Reich dirigido pelo génio de Adolfo Hitler.

Nada de anormal se verifica à medida que nos aproximamos da fronteira checoslovaca. Os últimos acontecimentos políticos ocorridos no país dos sudetas que tornaram periclitante a paz da Eu-



O relógio e a câmara municipal de Praga que, ao bater as horas, faz desfilarem as doce apóstolos enquanto os resistentes figuras se movimentam

ropa há pouco mais de um mês, faziam prevêr no estrangeiro que o antigo reino da Boémia e as outras quatro províncias — Morávia, Slovâquia, Silésia e Rússia Sub-Carpática — viviam com o sul da Alemanha, em pleno ambiente de preparação bélica. Nada de menos verdadeiro.

Deixado para traz a cidade de Dresden, a nossa atenção redobrou. O Elba, límpido e tranquilo, aparece-nos agora ao longo da linha férrea, serpenteando conosco por entre montanhas cobertas de florestas de abetos e castanheiros, espraçando-se por um vale verdejante, bei-



Tribuna presidencial em Praga, durante o X Congresso dos Sokols em Julho de 1938

jando pequenos burgos e dando a todo o ambiente uma nota de colorida beleza. Surgem velhos castelos, ninhos de aguias rompendo de tufo de verdura em picos agrestes. E passam, bojudos e enormes, no meio do rio, ferindo a doçura das suas águas, os "lighters", que rumam em direitura a Hamburgo, ajuizados com os produtos da Europa Central destinados aos grandes mercados internacionais. Sobem até ao céu penachos de fumo das fabricas alemãs, e nada de anormal, de espirito guerreiro, fere a nossa vista.

Em Bad Schandall, a ultima terra da Alemanha, entram os guardas checoslovacos à procura dos passaportes, e, poucos quilómetros abaixo, o comboio pára novamente, mas agora já em pleno país dos sudetas. De um lado fica Podmokly, que em alemão é Bodenbach. Do outro ergue-se Decin, que os mapas germanicos registam com o nome de Tetschen. Ainda mais uma vez não encontramos aquele cenário guerreiro que as circunstancias graves ocorridas entre as autoridades checas e os velhos descendentes da colonização alemã faziam prevêr. Em contra partida havia "bouquets", de flores, bandeiras, arcos triunfais e grandes retratos de Masaryk e Benés. Entram centenas e centenas de passageiros com os seus trajos regionais, com os seus uni-

NO CORAÇÃO DA EUROPA CENTRAL

Rápida digressão de Berlim a Praga

Apontamentos breves que dão a ideia de um grande povo

formas berrantes. Aparecem os primeiros sokols com a sua camisa escarlate e a pena de falcão no alto do boné. E de

Para quem viaja pela Europa Central, o problema das alfandegas já não constitui dominante preocupação. Hoje, ao



Jogos de raparigas checoslovacas durante o Congresso dos Sokols em Praga

vez em quando ouvia-se, distintamente, no meio daquela algaraviada a saudação nazi: "heil Hitler". Eram os sudetas que se cumprimentavam ostensivamente.



A estátua de S. Wenceslau, patrono da Boémia, em Praga, e que constitui uma das mais fervorosas devoções da alma patriótica dos checoslovacos

contrário do que sucede em Portugal, as malas com o seu conteúdo, pouco interessam aos fiscais da lei. Preguntam, quando muito, ao estrangeiro se tem alguma coisa a declarar e se transporta consigo cigarros em quantidade. E nada mais sobre este assunto. No entanto, cuidam imediatamente de saber qual é o dinheiro que existe na nossa carteira. E, tim-tim por tim-tim, o viajero não tem outro remedio de não expor perante o olhar curioso do exigente funcionario, tudo quanto leva em divisas. Sucede isto à entrada da Alemanha. Repete-se depois à saída, para que se saiba qual o dinheiro gasto e o que vai para alem-fronteiras. Igual cena na Checoslováquia, na Jugoslávia e na Itália.

À entrada na "gare", de Masaryk, em Praga, ferem os nossos ouvidos as aclamações da multidão a vibrar de entusiasmo com a chegada dos delegados checoslovacos residentes no estrangeiro, que vêm assistir à grandiosa parada dos sokols. Desembarcam do nosso comboio os filhos desta patria que não os esquece. Trocam-se saudações.

Ouvem-se acordes de marchas nacionais. Andam pelos ares exclamações de júbilo. Há alegria nos corações e nos rostos. A Checoslováquia, tendo saído,

sem uma beliscadura, de uma hora grave para o seu prestígio de nação independente, dá largas ao seu contentamento e ao espirito de solidariedade das potencias que souberam salvaguardar, mais uma vez, a paz europeia. Por isso mesmo três bandeiras se encontram a cada passo em lugares de honra, nos altos das torres, caindo das janelas ou dos balcões ou em trofeus festivos no meio das praças publicas: a francesa, a inglesa e a norte-americana. O Povo manifestando ruidosamente a sua simpatia por aqueles antigos países aliados, canta, em sua honra, estrofes patrióticas. Também não



Dr. Eduardo Benés, Presidente da República Checoslováquia

e a Roménia. O eixo Praga-Belgrado-Bucareste, continua mantendo a mesma coesão de há 6 anos. Só agora uma bandeira se vê a mais, tremulando, entre tantas outras, pelas ruas da velha capital da Boémia: a vermelha, da Rússia, com a foíce e o martelo a sangrarem num canto ao alto. Mas manda a verdade que se diga: podiam-se contar essas maquiavélicas insignias. Avultavam, porque se tornava oficialmente necessário, só nos edificios publicos. E mesmo assim, quasi sempre, no extremo do renque onde batidas pelo sol, eram mais lindas as bandeiras dos países civilizados. Porque, no íntimo, o povo checoslovaco é anti-comunista. Que o diga o espirito dos sokols: tradicional e conservador.

Praga — Julho.

ARMANDO DE AGUIAR.



Costumes regionais da Checoslováquia



Adolfo Hitler com o general Cwiring que representava a Alemanha neste formulário de conflito

QUANDO ainda temos tão presentes os horrores da Grande Guerra, o mundo agita-se novamente como em 1914.

Desejará a Alemanha desencadear uma catástrofe pavorosa como a de há vinte anos? Entenderá que o melhor meio será o da força para conseguir os seus fins?

Um técnico militar francês, abordando este assunto, declarou com a maior convicção:

"Hitler fará a guerra na medida que julgue mais conveniente para satisfazer as ambições do seu povo."

Hitler prometeu criar uma Alemanha, mais forte e grandiosa que a de 1914.

E, em boa verdade, tem cumprido, até agora, a sua palavra.

Destruindo sistematicamente, uma a uma, as cláusulas do Tratado de Versalhes, ocupando a Renânia, anexando a Áustria, Hitler mostrou que, acima de tudo, está a necessidade de uma nação que quer viver, embora esta ansia prejudique outras nações.

A necessidade, a seu ver, tudo justifica. E, assim, necessitará de absorver a Checoslováquia para mais facilmente chegar ao baixo Danúbio — sonho de há muitos anos.

Necessitaria assegurar ao povo alemão os recursos agrícolas da Hungria e os jazigos petrolíferos da Roménia e de se debruçar à sua vontade sobre o Mar Negro.

Necessitaria ainda aproximar-se do Mediterrâneo, e descer o mais comodamente possível a este mar aberto sobre a África e a Ásia — eterna miragem dos povos do norte. Necessitaria da criação do porto franco de Trieste, que, depois, as coisas iriam por si, embora a Itália tivesse de



Um aspecto da linha Maginot

ANTE O ESPETRO DA GUERRA

A IMPERIOSA LEI DAS «NECESSIDADES»

Parece ter triunfado um novo sentimento de humanidade

sofrer. Mas, também a Itália se passou para aliados durante a Grande Guerra, tendo ali próprio Guilherme II afirmado solenemente, na ocasião, que "a Alemanha nunca esquecerá..."

Depois voltariam as necessidades alemãs. Sim porque a Alemanha precisa de colónias. Parece que lhe restituam as que lhe tiraram. Mas

França declara, com a maior franqueza, que uma tal restituição nada aproveitaria à Alemanha, visto que esta não resolveria assim o seu problema de matérias primas.

A antigas colónias alemãs não fornecem petróleo, nem ferro, nem cobre, devendo levar-se ainda em conta que o próprio algodão e a borracha não dão ali uma produção suficiente. E a menos-lhe, com provas à vista, que o mais que a Alemanha poderia economizar, seria o volume tomar posse das suas antigas colónias, seria uma bagatela. Um pouco de café ou de cacau e de diamantes do Sudoeste de África, representando tudo um valor global de algumas dezenas de milhões de marcos...

Mas então que deveria dar-se à Alemanha como compensação.

Há tempos, Lloyd George, abordando o assunto na Câmara dos Comuns, salu-se com esta bizarra tirada:

"Julgo que a paz não poderá ser estabelecida no mundo sem a revisão da questão dos mandatos coloniais. A Bélgica, que é um povo de sete ou nove milhões de habitantes, recebeu a melhor parte de África, possuindo todo o Congo. Portugal, que conta uma fraca população, possui milhões de milhas quadradas. E o mesmo se dá com a Holanda..."

Mas, não nos afastemos do assunto das necessidades alemãs que vão aumentando, dia a dia, e cada vez com maior intensidade. É claro que estas intensidades vão sendo explicadas, uma a uma, historicamente, economicamente, rídicamente, pela engenhosa ciência germânica.

Mas, nesse caso, os outros países podem alegar também as suas necessidades.

A Inglaterra necessitará de proteger Londres que está ameaçada de destruição pelos bombardeamentos aéreos, e então não parecerá mal que tome as suas precauções de alerta tanto na Holanda como na Bélgica.

A França terá necessidade de prolongar a linha Maginot até Liège e suprimir os protectorados de Túnis e Marrocos, unindo administrativamente a África do Norte. Necessitará de ocupar a Sardenha, a fim de proteger a sua linha marítima de comunicações.

Dizia o referido técnico militar francês que "se a França e a Inglaterra, desenhando opôr-se à criação de um império balizado por Innsbruck, Wesel, Trieste, Constanza, Breslau, e Dantzig, mais ou menos enfileirado na nação alemã, apenas contam com a espera atrás da linha Maginot, enquanto Paris e Londres são bombardeadas pelo ar, então melhor seria que se inclinasse cobardemente ante o facto consumado..."

E salienta que "a melhor defesa seria constituída por uma frente comum com a Inglaterra, a Holanda, a Bélgica, a França, a Itália e a Jugoslávia, visto a base italiana ter de apoiar-se forçosamente em território jugoeslavó..."

E remata assim:

"A acção da guerra faz-se com rapidez e força.

"Ora, a Alemanha tomou sobre as outras nações a vantagem de uma mobilização permanente dos seus meios de acção. Pode dizer-se que já atingiu esta fase da guerra moderna que se desenrola em tempo de paz. O dr. Priester explica cabalmente no seu livro *Das deutsche Wirtschaftswunder* que "a economia *ferme*

resolve o problema das finanças da guerra". A concentração integral da produção enquadrada por um milhão de funcionários, põe à disposição de Hitler o conjunto das forças vivas da nação. Hitler não é o único chefe de Estado que tem todas as alavancas de comando, mas a Alemanha é o único país onde todas estas alavancas de comando accionam a indústria siderúrgica mais



Gráfico mostrando a zona da Checoslováquia



Cartunista critica a um humorista

poderosa do mundo, a indústria química mais aperfeiçoada, as forças armadas que são numericamente e materialmente as mais bem dotadas e uma organização de propaganda de tal envergadura que não alguma conseguiu ainda imitar.

"E esta concentração permanente que assegura à Alemanha a vantagem da rapidez a tal ponto que lhe garantiriam a vitória, se o armamento e as fortificações actuais não reservassem aos seus adversários eventuais a facilidade de ganhar tempo.

"A Alemanha dispõe de força.

"Um milhão de homens, mobilizáveis instantaneamente, cinquenta divisões homogêneas que podem ser triplicadas pela mobilização geral, material moderno de artilharia, fortes defesas anti-aéreas, a facilidade de elevar mensalmente a produção de 350 a 900 aviões de combate, etc., etc..."

Isto dizia, há dias, um técnico militar francês.

Era preciso ganhar tempo. E ganhou-se. Pelo menos, as visitas de Chamberlain à Alemanha, se outras vantagens não trouxessem, trariam essa, pelo menos...

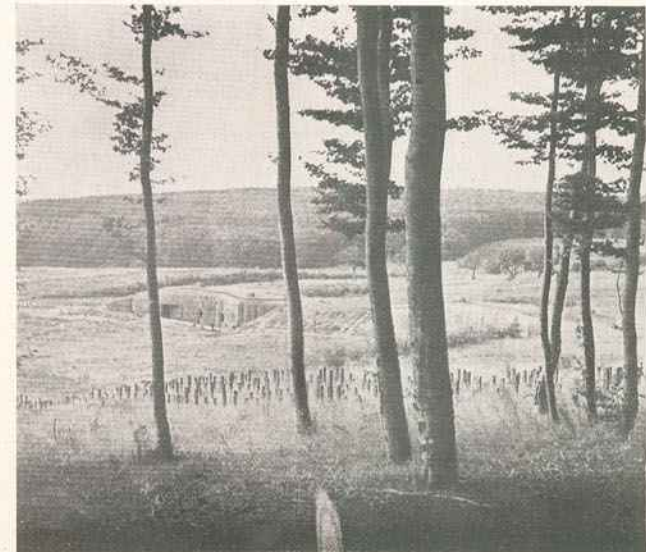
Neste momento, o Mundo inteiro aguarda ansiosamente o que poderia surgir deste choque de necessidades e interesses.

Mas não poderá a ponderação dos homens não esclarecidos que se encontram hoje à frente das nações que tentam solucionar o grave problema, conseguir afastar o pavoroso flagelo da guerra?

Felizmente, ao que parece, o perigo está afastado. Oxalá que a Paz venha cobrir com o seu manto de sossego a boa vontade dos que trabalham.



Neville Chamberlain que tem empregado os seus melhores esforços para conseguir evitar o flagelo da guerra que viria assombrosamente o Mundo inteiro



A linha Maginot mostrando os tocos de rails que inutilizaram os tanks



Não César — Aulus Borenius — Roma

II

D GIOVANO olhava os ladrilhos do chão e da História, mas não via nunca estes pequeninos e importantíssimos conflitos. "Eram aneddotas de vida", pensava. Para ele a História era o ponto mais subalterno da sua existência, e quando a olhava, abusava dela, para birras pessoais. Faltado, aguardando a réplica do jovem Bionio, que sempre espira-camivete, continuava a ir-lhe à



Ruínas Forum

olho e animava a contenda. Desta vez, porém, o patriota Bernardino, sincero fascista e emparado na Farnesina, aproveitando a deixa do arqueólogo que estava por fim a eternidade da Arte, arriscou um pouco da sua propaganda:

"E diz, muito bem, sim, senhor! As provas de arte criam raízes no terra. A prova é que apareceu agora um novo deus, filho do povo, mas neto de antigos conditores, que as fez resurgir das cinzas e tornou a dar-lhes vida ao sol, como às árvores de fruto! É um chefe que não desanima para que os cadáveres como estátuas e as estátuas como mortos imortais, apurando colunas caídas para que sirvam de padrões desta nova leiela, reinterando, com coragem, o nosso Passado, como se sem novo circo se acendessem os fochos para iluminarem os puidores das quadrigas modernas, e mostrando tudo de novo à luz para que ela a brilhe em gloriosos dias de sol ou lara brilhar em dias de chuva e razião mais forte da Féria, realbitando assim estas maravilhas ultrajadas pelos demagogos, e que a palácio dos artistas e o santuário dos nossos avós criaram, ignorando inocentemente os desafios dos estrangeiros e as mesquinhas trapalhadas dos vindouros que só o são justos, mas a inteligência conditor! O Licio História de Roma, segundão de disse Lívio, era a fúlgida imperial da potência romana..."

Nesta altura de desatragamento retórico, o parecer que estava ao lado de Bernardino, apertou-lhe o braço e para sinalizar a interrupção do discurso do amigo, apontou-lhe, sorrindo, o ar distraidido e possivelmente entusiasmado, de D. Giovanni. E tanto assim era, que o bom do mestre-escola não sentia a ferrosada dum mscarado na cabeça pois que tinha entendido só no tempo de fúmo que (jala no chão, embora o enxolasse inconscientemente com a ramalhosa de lrauros que destinava à froide, dando por fim um grilo e uma rapadada na perna

DESVANETOS POR ENTRE AS RUÍNAS

D. Giovanni é contraditado

o'endida, que provocou borborinho de conchelos para cauteles, no auditório, embora contente por tal mscarado haver



Estátua da Roma — Forum Maassili

corado o fio ao patriótico partidário do Bernardino.

Estes incidentes, tão naturais como o desenvolvimento dum espiga, contaram muito mais para o silêncio deste, que para a sábia contemplanção e ardente termosto de delações do D. Giovanni, que era sócio de variadas associações de arqueologia, de liberalismo e de escavações históricas. E assim, puchando a calça para os tornozelos e julgando que ninguém o interromperia enquanto cismava e limpava o suor do cachado, D. Giovanni continuou:

"A Igreja, repito, ainda hoje desrespeita Roma, meus caros! Olhem para a lua do Baróco contra o Clássico!... Até que negar que assenta na sua engenharia... E a Arte Moderna a querer dar leis à ordem imperial das divindades, dos imperadores omnipotentes, descalçando e estropeando a em diacção amanciamento! Já repararam nesta pedúncula deslavada de formas e rapada de subtelas decorativas? Expressão? Humanidade? Qual calça! Presunção e facilidade é que é!..."

"Porque não deitaram aquela admirável perfeição sossogada, adorsando em

INCOERENTES

OLÍMPICAS DO "FORUM"

pelo patriota Bernardino

vez de a maltratarem ou delaprarrem com arebiques ambíguos ou rapasentem os manhosos de impotência, apelado



Estátua da Vénus — Forum Maassili

para teorias de simplificação e de intrusões estéticas? Já é tempo da humanidade reconhecer a sua fadiga, a sua incapacidade de invenções plásticas, em relação às descobertas dos antigos, que esgotaram a fantasia séria das ordens e dos estilos, conquistando a harmonia integral pelo equilíbrio sensorial e ao mesmo tempo definitivo como a matemática! Tudo está feito e bem feito, há muitos séculos! Quando fallu a fé nos artistas, a decadência não passou dum intuito degenerescência de gosto. E hoje nem há sequer amor próprio, para criar uma razão de arte moderna, com o sentido da perfeição ou monumentalidade. Não há nada mais de novo a dizer! Deixem..."

"Perdoem — retorquiu a cédula de lio-nio, rapaz anguloso, de maxilares violentos e sem gravata, que com um canivete tinha estado a despegar um lichen dos óvulos duma cornija quebrada. Poco prolixo ao Mestre, mas há raízes de ordem humana, estética, de justiça e irrefutáveis, que levam os artistas a não quedrem como papalvos preciosos ou escervos dos fúteis montos, nesta atonia do extasi perante o clássico, que no

final redondem em tirana e frígida múm — e moneque, muito respeitável pelo quanto viveu no seu tempo, mas que nada tem a ver com a nossa existência, nervosa, dinâmica e exigente a pesar da grande pressão que temos em viver, sem fragilidades sentimentais de romantismo, nem quebras de vitalidade na estesia dos sentidos. Isso seria negar a vida em inferioritarmos nos em face do nosso espírito e até dividir de Deus! Rom ou mau, o nosso tempo, não se sabe ainda como classificá-lo. A revolução é enorme, e não abusar da comparação, se disser que se parece com a do começo do cristianismo. Não devemos juldar com sujeições de qualquer espécie, os direitos da nossa independência, ainda que não incrementando as verdades da tradição com as realizações da electricidade moderna. Se a vida não pode parar, porque há de parar a Arte?"

"Tudo está feito e bem feito", diz o Mestre; mas nós criamos novos temas e novas sinéscicas de comção e imaginação, que se devem apurar com o testemunho da Arte, em pleno acóro com a expressão contemporânea, que é complexa, bem sei, mas por isso mesmo intensa e incompreensível ao entendimento dos coltores ou coltores das belezas extintas. Estamos fundando um novo Mundo e portanto, uma nova forma de classicismo. "Não há nada de novo a dizer, mas há que dizer tudo de novo, com formas originais da nossa geração e com pleno preço que os devotos dos idealismos actuais compreendam, sinam e espelhem, tal como os antigos adoravam as suas idolatrias, nos nossos olhos, convencionais, por insustentação lógica e emocional."

"Se assim não fosse, paralisaria a Vida na sua mais alta matéria de se definir e expressar, como se um dilúvio de fogo a amargasse nas raízes; e o Mestre, que é arguto raciocinador e liberal racionalista, apesar das suas apaixonadas opiniões,

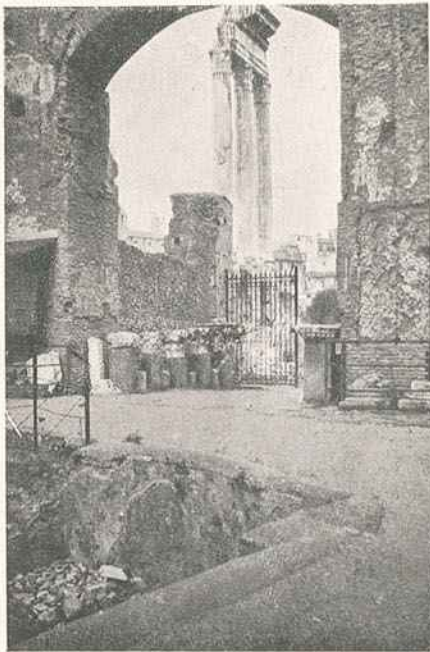


Aulus Borenius — Aulus Borenius

cometia o erro de negar os próprios direitos de defesa das suas acções verdades, tão incoerentes na epiderme como sinceras no sangue. Cometeria o pecado de ser cego perante a grandiosidade mítica e heróica da Idade Medieval; perante o génio da Renascença; o génio desvairado mas elegante do tal barroco que desdenha por altitude política; e até se arriscava às penas da lei por não lutar, como juiz, o engenho do tal "bom-men" novo saído do povo, mas de heróicos avós antigos", de quem ter há pouco a arqueologia o nosso exaltado amigo, sr. Bernardino. O seu fasciosismo estético-social e o seu paraliismo histórico, senhor D. Giovanni, são cadeias hediondas não se prendem às joias, e por isso se torna mais detestável do que os



Forum de Julius Caesar e templo da Vénus em Roma



Entrada do Forum em Roma

carrascos de Moscovo. Acusa a Igreja e defende os tiranos da fôrça; quere ser democrata e elogia os imperadores; exalta a Arte e contesta as inovações dos séculos mais luminosos. Para si, Cristo foi um profeta revolucionário a quem cabem as culpas dos desatinos dos iconoclastas. O defensor dos humildes, o sacrificado pelo Bem e pela Bondade, o maior Santo da Humanidade que ali nas catacumbas transformou os escravos em resignados crentes, em vez de vingativos incendiários, não passa, aos seus olhos desconfiados, dum criador de papas, responsável de todos os cataclismos do mundo. Nega depois a poesia épica e universal, desde S. Paulo ao Dante florentino. O Pobresinho de Assis, como os grandes doutores do cristianismo, considera-os inferiores às calamitosas leis dos Césares. Nega tudo, con-



Casa das Vestais em Roma

testa tudo, e vai de roldão com as incredulidades, ao ponto de desprezar as artes dos góticos, como um judeu raivoso, e os milagres dos Renascimentos ou a ansiedade dos modernos. Desprezar assim o génio das grandes revoluções, equivale ao vandalismo das destruições, encobrendo a ferocidade com paninhos quentes de sistemáticos, manhosos e inocentes amores.

“A Arte — seja de que época fôr e ao serviço do ideal que os sonhos lhe imponham — não é a ilusão abstracta dos teóricos sem coração; é uma realidade volumosa e sempre viva, gerada no espírito dos cronistas mais livres e imparciais da História. Ora êsse Espírito e, portanto, essa Arte, não são dons convencionais reservados a determinada época, mas sim a indivíduos eleitos pelo Destino para glorificarem todos os tempos, consoante o jeito que os povos e os ciclos tempestuosos ou de construção, escolheram para se definirem. Uma religião nova é sempre uma revolta; e esta tem a sua expressão própria que só a Arte pode sublimar. Admite-se que não seja compreendida pelos alheios, mas exige-se que seja respeitada pela cultura das outras civilizações. Se o Arco de Constantino continua ali de pé, não é para que os dogmáticos sem generosidade, como o D. Giovano que tanto gosta de falar de papo à sombra dêle, lhe arranquem as pedras para apedrejar as catedrais. A sua argumentação, aliás tão sincera como a minha, pior apenas pelo partidatismo da sua inteligência, visto todos nós o sabermos tão bondoso, que, há bocado, tendo sido mordido por um moscardo, não correu atrás dêle para o matar!...”

D. Giovano riu e os parceiros da palestra, receiosos de qualquer conflito de piores palavras, deram um “Bravo!” ao Benito e abraçavam o douto arqueólogo.

Clemente, um estudante de pintura que fôra há pouco medalhado na exposição de Venesa e que era considerado por todos como uma promessa garanti-

da, interessado na discussão, mas desejoso de deitar água na fervura, aproveitou o concerto dos aplausos e, delicadamente, exclamou:

— “De resto, se estivessemos agora em Florença, por exemplo, e entrássemos no mosteiro de S. Marcos ou nas capelas de Santa Maria Novella, estou certo que sem desacôrdo de princípios nem coragem para questiúnculas, veríamos D. Giovano converter-se à religião do Beato Angélico ou do Simone Martini, e as nossas belicosas intuições se transfigurariam em silenciosas rezas perante as deliciosas tábuas e os majestosos frescos da Renascença, que como todas as belezas máximas, é universalista e extratemporânea. Giotto ou Donatello, Guirlandaio ou Cellini, Bramante ou Brunelleschi, no fundo, são irmãos dos anónimos que burilavam estas imagens de Vestais que aqui temos a ouvir-nos, e dos olímpicos architectos dêstes templos que mesmo incompletos, nos dão sombra ao corpo e luz à inteligência. Estes relevos e estas ruínas não nasceram sem uma razão anterior; e tôdas as obras-primas que se fizeram depois, fôram motivadas, consequentemente, pelas razões das mais antigas. Uma das causas da eternidade da Arte, é exactamente esta continuidade de harmónicos parentescos, embora cada obra de arte tenha a sua forma e a sua alma características. Datam da primeira ânfora do Paraíso, e de invenção em invenção, de beleza em beleza e de expressão em expressão, chegaram às esculturas de Boccioni e às telas de Modigliani, para não falar dos vivos, que só os nossos netos lhes poderão afiançar a glória. Pela minha parte, que acima de tôdas as devoções, tenho a da Arte, não considero as religiões capazes de ofensas, mas sim os obcecados que as servem mal. Pelo contrário, julgo-as a tôdas igualmente belas, e como tal, ainda que rivais umas das outras, admirando-se simultaneamente, tal e qual como os artistas quando são grandes. O amor e o ódio são comuns nos homens. Os tempos reconhecem-lhes os defeitos e as virtudes, mas por cálculo de política que mais convenha às suas ambições, é que escondem ou avivam aquilo que melhor lhes sirva do passado. Porém os milénios põem tudo em pratos limpos; e assim, sem pretender ser juiz no assunto, tão bem julgo, na minha sensibilidade, dum deus de Praxiteles como dum santo de Bernino ou dum “nu” de Rodin. Tudo na Arte, como nas crenças, como na Vida inteira, são reacções e consequências. Reacção e revolução são sinónimos. Um gesto provoca outro para que, sem parança, êste motive os seguintes, que serão infinitos. Qual o mais belo? Qual dêles tem culpas? Nenhum, porque todos são um só, desenvolvido num fio sempre forte através da perpetuidade da Vida, que é como quem diz, da Arte.

“Digam-me se Miguel Angelo sòzinho não valeu tanto como qualquer outro génio anterior. É a Igreja a culpada dêle ter nascido quinze séculos depois de Cristo?”

A MAGIA DA MONTANHA

A montanha como o mar tem os seus apaixonados e não são só aqueles que nela nasceram que têm o delírio dos seus silêncios, que só são quebrados pelo longínquo tilintar das campainhas dos rebanhos, que conseguem pastar, entre rochas, pelos montes acima.

Como a gente do mar a gente da montanha habituada às solidões imensas é calada e concentrada, ha quem a olhe taciturna, o que não é justo. Estão habituadas a viver consigo próprias numa concentração de todo o seu ser meditando em face da paisagem grandiosa, que os habitua a refletir e a ponderar quando caminham por veredas em que um pé pôsto em falso pode ser a morte, num fundo abismo.

Quem se deixa envolver pelo encanto da montanha, é tomado pelo vício da ascensão. Nos Pirinéus nos Alpes em todas as altas montanhas da Europa, nós vemos esses excursionistas, com as picaretas, as bengalas, todos os apetrechos ao hombro, no corpo enroladas grossas cordas aos nós, com esse ar de beatidade daqueles que caminham para um grande prazer, para uma infável ventura que de antemão os encanta.

São aqueles que estão possuídos pela magia da montanha, que se habituaram a trepar pelas rochas num esforço de todos os musculos, a subir aos mais alcantilados pontos, que descansando de noite nas casas de repouso, que esperam o alpinista para passar uma noite, ou para se abrigar da tempestade, que na montanha, como no mar se levanta dum momento para o outro, sabem o que é o prazer de se sentirem isolados de todos, tendo o mundo aos seus pés, numa maior proximidade de Deus.

Se a solidão no mar é impressionante na montanha não o é menos; porque é cheia de pequenos ruídos constantes, que dão a impressão bem nítida dos perigos, que em toda a parte rodeiam o homem.

Ao longe o ruído sonoro e cristalino duma torrente que se despenha de grande altura caindo com fragor no leito que a tornara rio ou ribeiro impetuoso, é uma pedra que rola, fazendo eco de monte para monte. É uma cobra que rasteja, ralos que fazem ouvir-se como pequenas campainhas.

É de noite as estrelas luzindo no alto, as arvores rumorejando, a natureza apresenta-se ao homem em todo o seu esplendor e toda a sua grandiosidade. É na montanha e é no mar que nós temos a impressão mais forte da grandiosidade do mundo, da obra admirável que só por Deus poderia ser feita.

Os alpinistas aqueles que têm o delírio de subir montes, de escalar rochedos de atingir alturas, que nunca tinham sido trilhadas pelo pé humano, têm a paixão da elevação e da natureza.

É o maior prazer a vida na montanha num continuado esforço de energica tensão. Um pé em falso, uma corda mal atada e aí temos a morte, depois de ter rolado de pedra em pedra de moita em moita.

Foi assim numa ascensão infeliz que encontrou a morte esse grande homem, que foi o rei-soldado, Alberto I da Bélgica.

O seu grande espírito sentia-se bem nas alturas, enquanto o seu corpo de atleta vivia num esforço de todos os seus musculos retezados, à sua mente divagava pensando nos seus inumeros e difíceis deveres, e como era também uma alma de poeta, quando chegava à altura que se tinha proposto atingir, deixava devanear o seu espírito, perante a beleza que o rodeava.

Mas a montanha como o mar, é ingrata para aqueles que a amam, e traiçoeiramente fâ-los cair nos seus profundos abismos. Assim morreu o rei Alberto e assim têm ficado inúmeros homens, por essas ravinas da Europa, chamem-se elas Pirinéus, Alpes, Vosges, Caucaso ou serras de Espanha e de Portugal.

Mas esses exemplos não afrouxam, nem diminuem o ardor daqueles que têm a tentação da subida e que não o fazem apenas como desporto físico mas também como paixão ideal das belezas que oferece aos que a sabem sentir, a montanha inesplorada, a montanha perigosa.

Se para o homem nada há de mais tentador do que o perigo, que é sempre a atracção de todos os exercícios físicos a que se dedica, e a verdade é que em todos eles há perigo.

Entre nós há já os que amam a montanha e os desportos de inverno. Quando a neve cobre com o seu alar manto a Serra da Estrêla, nos gelados meses de inverno, são já legião os esquiadores, que cortam a sua imaculada alvura em hábeis exercícios.

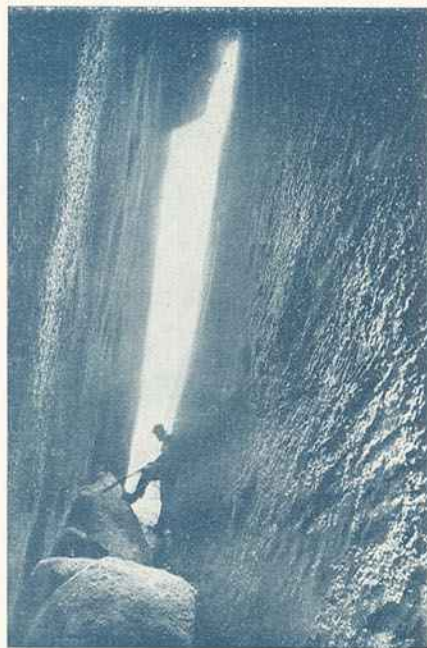
Mas poucos ou nenhuns são os amadores das escaladas no verão, não vemos entre nós, como na Suiça ou nos Pirineus, comboios de excursionistas, que se dirigem à montanha para a explorar num desafio à natureza agreste.

E também nas nossas montanhas não há refúgios preparados para aqueles que as percorrem.

E no entanto nós temos magestosas e belas montanhas, cheias de encantos e atractivos, que não são inferiores, às montanhas de outros países.

A Serra da Estrêla, cheia de grandiosidade, a Serra do Marão, com os seus despenhadeiros, a Serra da Gardunha, com as suas belezas, a Serra de Tiremar, entre tódas avulta com a grandiosidade das suas belezas e a grandiosidade dos seus desfiladeiros, a Serra do Gerez.

De mais fácil acesso do que as outras, pelas facilidades de transporte, que lhe dá a estância termal, esta serra seria um óptimo campo de desporto, para aqueles, que se deixam dominar



Uma passagem para a Calcedónia no Gerez

pela magia da montanha e que sabem apreciar os seus múltiplos encantos.

Desde Braga, a estrada apresenta-nos os mais deliciosos panoramas. A princípio essas paisagens dum idílico bucolismo de todo o Minho, suaves e belas, dum encanto todo doçura depois começa a ascensão e a paisagem sempre bela, torna-se talvez menos garrida, mas mais magestosa sem dúvida, as mais belas curvas da estrada que atravessa importantes povoações como Amares, a pitoresca vila de tão encantado aspecto e Terras do Bouro, com o seu grandioso e magnífico convento.

E a estrada, subindo sempre vai apertando as suas curvas e nas voltas aparecem-nos em baixo os mais deslumbrantes vales.

Belos vales, que não são tenebrosos e que na grandiosidade do seu aspecto não perdem a beleza verdejante e acolhedora dêsse conjunto de paisagem tão doce como belo.

Chegados às térmias temos em redor a imensidade da Serra, com os seus deslumbrantes aspectos.

Garrida e verdejante nuns pontos onde a beleza da vegetação aumenta o encanto do seu aspecto, é aspera e agreste noutros pontos onde se assemelha às outras montanhas para os amadores das difíceis ascensões em rochas áridas e ásperas.

O Gerez, cheio de contrastes, torna-se duma inexplicável atracção. As suas belezas sucedem-se e não se parecem.

A estrada para Leonte duma beleza encantadora e suave contrasta soberanamente com a aspereza selvática da passagem para a Calcedónia, que evoca certas passagens dos Alpes tiroleses, ou dos Montes Dalmatas.

Casinhãs rústicas de pedras sôbrepostas umas sôbre as outras, salpícam a montanha até certa altura.

Da Pedra Bela, avista-se o vale extenso em todo o seu maior esplendor, mas é internando-se pela Serra, vestindo as suas escarpadas rochas, que vemos bem tódá a sua incomparável e augusta beleza.

É ali na Serra, que se estende até Espanha, nós sentimos como em nenhuma outra parte a magia da montanha e a sua incomparável beleza. A agreste solidão, a pureza do ar, os cambiantes de luz, que a igualam aos mais célebres pontos de turismo.

Belezas da nossa terra, para nós mais belas do que quaisquer outras, belezas que encantam e emocionam e que merecem tornar-se conhecidas.

Águas puras cristalinas, que de rocha em rocha, entre verdura cantam a sua eterna canção.



Leonte, Gerez

MARIA DE EÇA.



Casamento da sr.^a D. Maria da Conceição Leite Linhas Carrilho com o sr. dr. Sérgio Augusto da Silva Pinto. (Foto Santos Lima, Braga)

Festas de Caridade

No CASINO ESTORIL

Na noite de 15 de Setembro ultimo, realizou-se no salão do restaurante do Casino Estoril, organizado por uma comissão de senhoras da nossa melhor sociedade, lá qual faziam parte D. Carlota Michaelis de Vasconcelos, D. Ivone Novais Gonçalves, D. Maria Adelaide Ribeiro da Cunha Azevedo Rua, D. Maria Amélia de Castro Ferreira Azancot, D. Maria Clementina Pinto Leite de Magalhães Pessoa, senhora de Douglas Buchnall, senhora de Vink van der Lindt e D. Suzana Nunes Bonvalot, um grande baile de subscrição cujo produto se destinava à Obra Maternal D. Maria Amália Vaz de Carvalho, durante o qual se exhibiram além da distinta amadora brasileira sr.^a D. Yolanda Rhodes, que se fez ouvir em varias canções brasileiras, a notavel artista Virginia Soler e a bailarina Nelyta, que deixaram na selecta assistência uma optima impressão.



Os noivos, sr.^s D. Maria da Conceição Leite Linhas Carrilho e o sr. dr. Sérgio Augusto da Silva Pinto, rodeados por seus padrinhos, damas de honra e mais convidadas após a cerimônia que se realizou na Casa de Aveledo em Braga. (Foto Santos Lima, Braga)

VIDA ELEGANTE

Viggo Petersen, filho da sr.^a D. Karen Arentoft Petersen e do sr. Viggo Petersen, concituado comerciante da nossa praça.

Foram padrinhos por parte da noiva, seus pais e por parte do noivo, seu pai e o sr. H. Petersen, irmão do noivo.

Os noivos partiram para o norte do país onde foram passar a lua de mel.

Realizou-se na Casa de Aveledo em Braga com toda a solenidade, o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria da Conceição Leite Linhas Carrilho, filha da sr.^a D. Marcelina Leite Linhas Carilho e do sr. dr. José Duarte Carrilho, professor do liceu de Braga, com o sr. dr. Sérgio Augusto da Silva Pinto, filho da sr.^a D. Deolinda Soares da Silva Braga e o cunhado do sr. Joaquim José Soares, importante comerciante daquela cidade. Serviram de padrinhos os meninos Pedro Aires Pereira e José Manuel Gomes Coelho, tendo conduzido as alianças a menina Maria Aires Pereira. Os noivos seguiram para a sua casa de Coimbra para depois partirem em lua de mel para Berlim e outras cidades alemãs.

Com maior intimidade, celebrou-se na paróquia de S. Mamede, o casamento da sr.^a D. Maria do Castelo de Gamba da Fonseca e Costa, gentil filha da sr.^a D. Laura Bandeira de Melo da Fonseca Costa e do distinto médico municipal em Alpedrinha, Beira Baixa, sr. dr. Alvaro de Gamba da Fonseca e Costa, com o sr. Mario de Pina Ferrão da Cunha Ribeiro, filho da sr.^a D. Adelaide de Pina Ferrão da Cunha Ribeiro e do sr. José da Cunha Ribeiro, já falecido, tendo servido de madrinhas as tias da noiva sr.^{as} D. Auzenda de Gamba e Vasconcelos da Cunha Ribeiro e D. Maria do Carmo de Serpa Brandão de Gamba, e de padrinhos os sr.^s Reverendo João Arraiano, antigo paroco, e o dr. Antonio Crespo Simões de Carvalho, distinto advogado na Covilhã, presidindo ao acto no impedimento do prior da freguezia, reverendo monsenhor Freitas Barros, o coadjutor da freguezia reverendo Gomes que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.

Terminada a cerimónia, os noivos a quem foram oferecidas grande número de valiosas e artisticas prendas, seguiram para a estação do caminho de ferro, onde tomaram o rapido da manhã, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Na capela de Nossa Senhora das Dóres, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Zoé Eduarda Pinto Vicente, com o sr. José Rafael Lopes de Andrade, servindo de madrinhas as sr.^{as} D. Ma-

ria Pinto Vicente de Azevedo e Silva, irmã da noiva e D. Maria Lídia Muller Elvas Lopes de Andrade, mãe da noiva e de padrinhos os sr.^s Tomaz de Azevedo e Silva, cunhado da noiva e Morris Elias, tio da noiva, presidindo ao acto o reverendo monsenhor Fino Beja, amigo íntimo da família Azevedo e Silva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução. Fimda a cerimonia foi servida na elegante residência da irmã da noiva, um finíssimo lanche, partindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artisticas e valiosas prendas, para Canas de Senhorim, onde foram passar a lua de mel.

Celebrou-se na paróquia de Oeiras, o casamento da sr.^a D. Maria Candida Tardia do Espírito Santo Alves, gentil filha da sr.^a D. Maria Eugénia do Espírito Santo Alves e do sr. Joaquim Ricardo Alves, já falecido, com o sr. Armando Henrique Alves da Silva, filho da sr.^a D. Albertina Alves da Silva e do sr. Henrique Alves da Silva, tendo servido de madrinhas a irmã da noiva sr.^a D. Angélica Tardia do Espírito Santo Alves Ribeiro da Fonseca, e a mãe da noiva e de padrinhos o irmão da noiva sr. Carlos Tardia do Espírito Santo Alves, funcionário da Vacuum Oil Company e o pai do noivo.

Acabada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, na quinta dos Pisões, em Albarraque, propriedade dos pais do noivo, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o norte, onde foram passar a lua de mel.

Pela sr.^a D. Clara Arruda Pacheco de Castro, esposa do distinto engenheiro sr. Francisco Xavier Vaz Pacheco de Castro, foi pedida em casamento para seu filho Francisco, distinto aluno do Instituto Superior Técnico, a sr.^a D. Maria Helena Abrantes dos Santos, interessante filha da sr.^a D. Maria Deolinda Abrantes dos Santos e do sr. Raul Carlos dos Santos, sub-chiefe da contabilidade da Companhia Nacional de Navegação.

Na paróquia do Góration de Jesus, celebrou-se com a maior intimidade, o casamento da sr.^a D. Francisca Perce Pichon, com o distinto medico veterinário do quadro comum do Império Colonial Português, na Colónia de Angola, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Luiza Vilaça de Moraes Sarmento e D. Maria Georgina de Almeida Ozório Leite de Noronha e de padrinhos os sr.^s engenheiro dr. António Eduardo de Moraes Sarmento e dr. Abel Vasco de Noronha Wallinga da Silva.

Terminada a cerimonia, foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artisticas prendas para Angola, onde foram fixar residência.



Casamento da sr.^a D. Maria Helena de Aveledo Ribeiro, com o sr. Manuel José Pinto Assreira, celebrado em Luanda. Os noivos com as «Damas de honra» (Foto-Sport, Luanda)

Realizou-se o casamento da sr.^a D. Iberta Moniz Tavares Duarte Costa, gentil filha da sr.^a D. Iberta Moniz Tavares e do nosso colega na imprensa, sr. José Duarte Costa, com o sr. Adriano Cavalheiro Ferreira de Gusmão, funcionário das Companhias Reunidas Gaz e Electricidade, e aluno da Faculdade de Direito, filho da sr.^a D. Maria Germana Cavalheiro da Silva Ferreira de Gusmão e do sr. João Feijó Ferreira de Gusmão (São Martinho de Dumé); funcionário superior da Câmara Municipal de Lisboa, servindo de madrinhas as mães dos noivos e de padrinhos o sr. dr. Carlos Moniz Tavares e o pai do noivo.

Fimda a cerimonia, foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos a quem foram oferecidas grande número de artisticas prendas, para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Com a maior intimidade, realizou-se o casamento da sr.^a D. Yvette Elvira De Cock Garcia de Castro, com o sr. Alvaro Rui Rego Santos, tendo servido de padrinhos por parte da noiva, a sr.^a dr.^a D. Evangelina da Silva Pinto e seu pai o distinto engenheiro sr. Artur Garcia de Castro, e por parte do noivo, o major de Engenharia sr. Rodrigo Barradas e sua esposa.

Acabada a cerimonia foi servido um finíssimo lanche, partindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas para Sintra, onde foram passar a lua de mel.

Na paróquia de Santa Maria de Belém, celebrou-se o casamento da sr.^a D. Maria José Barbosa, interessante filha da sr.^a D. Ernestina Pena Barbosa e do sr. Manuel Nunes Dias Barbosa, com o sr. Luis Fernando Gonçalves Bragança, filho da sr.^a D. Lucinda Gonçalves Bragança, e do sr. José Maria Bragança, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Alda Soares da Cunha Pereira da Cruz e D. Eclida da Fonseca Quaresma Ferrão, e de padrinhos os sr.^s tenente da Guarda Nacional Republicana, António Pereira da Cruz e major de artilharia Raúl Ferrão.

Acabada a cerimonia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artisticas prendas.

Presidido pelo prior da freguezia reverendo monsenhor Pinheiro Marques, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paróquia de S. Pedro, em Alcantara, o casamento da sr.^a D. Júlia da Silva Pereira, gentil filha da sr.^a D. Luiza da Silva Pereira e do sr. Custódio Xavier Pereira, com o sr. Américo Maria da Cunha, filho da sr.^a D. Maria do Carmo Lemos Cunha e do sr. João Maria da Cunha, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Josefina da Cunha Godinho e de padrinhos os sr.^s Manuel Godinho Junior, Joaquim Ferreira de Oliveira e o pai do noivo.

Terminada a cerimonia, foi servido um finíssimo lanche, na elegante residência dos pais da noiva, partindo os noivos, a quem foram servidas grande número de valiosas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Para seu filho Sebastião, foi pedida em casamento pela sr.^a D. Beatriz Pereira da Silva, Fernandes, viúva do sr. José Fernandes, a sr.^a D. Maria Eliza Coelho da Cruz, interessante afilhada da sr.^a D. Maria Júlia Reis Costa da Cunha Rodrigues e do sr. Leopoldo da Cunha Rodrigues, devendo a cerimonia realizar-se ainda este ano.

Realizou-se o casamento da sr.^a D. Arminda Marques de Oliveira, com o sr. Francisco Jaime Ramos Serra, tendo servido de padrinhos a sr.^a D. Guilhermina Ramos Serra e o sr. Manuel Luis Lopes Serra.

Fimda a cerimonia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de valiosas prendas, para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.



Casamento da sr.^a D. Odile Simone Beckmann (Didi) com o sr. Eiler Viggo Petersen, realizado na Igreja Inglesa (Foto Alvaro Campelo)

Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Ofélia Nunes dos Santos, esposa do sr. José Nunes de Oliveira Santos, para seu filho Joaquim, a sr.^a D. Maria Isabel Piano Martins, gentil filha da sr.^a D. Armanda Piano Martins, e do sr. João Marcelino Martins, devendo a cerimonia realizar-se ainda este ano.

Em Sintra, celebrou-se na capela da família Moniz Pereira, o casamento da sr.^a D. Cefina Coelho Fragozo da Silva David, interessante filha da sr.^a D. Apolónia Coelho Fragozo da Silva David, e do sr. Fernando da Silva David, com o sr. dr. José Lopes de Mendonça, filho da sr.^a D. Marima Lopes de Mendonça e do sr. Eduardo Lopes de Mendonça, já falecido, servindo de madrinhas por parte da noiva, a sr.^a D. Júlia Tomaz da Costa Madeira, e o sr. dr. António de Souza Madeira e por parte do noivo sua irmã a sr.^a D. Maria de Lourdes Lopes de Mendonça, e o pai da noiva, presidindo ao acto Sua Excelencia Reverendissima, o sr. arcebispo de Evora D. Manuel da Conceição Santos, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Fimda a cerimonia, foi servido um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artisticas prendas.

Nascimentos

Teve o seu bom successo, na Maternidade Dr. Alfredo Costa, a sr.^a D. Emília Martins Bessone, esposa do sr. Mário Bessone, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Felix. Mãe e filha estão de perfeita saúde.

Em Amateiradim, teve o seu bom successo, a sr.^a D. Maria Luiza Loureiro Florea de Souza Cordeiro, esposa do sr. Leopoldo de Souza Cordeiro, assistida pelo sr. dr. Joaquim de Souza Cordeiro. Mãe e filha, encontram-se felizmente bem.

A sr.^a D. Maria Irene Marques da Costa, esposa do sr. Augusto Gomes da Costa, teve o seu bom successo. Mãe e filho estão felizmente de saúde.

Na Casa de Saúde de Benfica, teve o seu bom successo a sr.^a D. Alice de Halfter, esposa do sr. Halfter, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Freitas Simões. Mãe e filho encontram-se de perfeita saúde.

A sr.^a D. Maria Margarida Peixoto da Costa Felix, esposa do distinto cirurgião, sr. dr. Francisco Felix, teve o seu bom successo. Mãe e filho, estão felizmente bem.

Na Maternidade Dr. Alfredo Costa, teve o seu successo, a sr.^a D. Cecília Gomes de Aguiar, assistida pelo distinto cirurgião sr. dr. Costa Felix. Mãe e filho, encontram-se felizmente bem.

D. Nuno

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguíer (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, grande e pequena edição. Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira, 2.^a ed.; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas; Dicionário de nomes próprios de S. Pacheco.

1.º ANIVERSÁRIO DA MORTE DE «REI-FERA»

Completo-se ontem um ano após o passamento deste nosso amigo e companheiro da arte de Edipo. O seu carácter sincero e as suas faculdades de trabalho e inteligência diversas vezes tem sido evocadas, no meio charadístico, onde era estimado, numa recordação que já-mais perece.

RESULTADOS DO N.º 14

(10.º NÚMERO DO TORNEIO)

DECIFRADORES

Totalistas (22 pontos)

Siulno, Rosa Negra, Ti-Beado, Frá-diáviolo, Cigano, Sevla, F. J. Courelas e Mirna

OUTROS DECIFRADORES

M. A. P. M. — 18. Ramon-Lágrimas, Sol de Inverno, Alfa-Romeo e Agásio — 17. Aida, Diriso, Matina, Dama Negra, e Barão Y — 15. Infante, Tarata, Calaveras, Visconde X, Almaviso e J. Tavares — 13. Amigo das Seras e Larabastro — 11.

DECIFRAÇÕES

1 — Ingrezia. 2 — Demente. 3 — Jámais. 4 — Seroir. 5 — Abrir-se. 6 — Maracha. — Mácriação. 8 — Magana. 9 — Repagar. 10 — Ca(be)ça. 11 — Ver(tu)de. 12 — Vi(tu)va. 13 — Con(sul)ta. 14 — Ru(bi)do. 15 — Bo(lan)das. 16 — A(bor)so. 17 — Fi(lho)ta. 18 — Ar(dente). 19 — Ri(ba)mar. 20 — Má(cu)la. 21 — Con(ten)ta. 22 — No mar tanta tormenta e tanto dano.

TRABALHOS EM VERSO

LOGROGRIFOS

1) Ao soluçar da *vaga* que se enfeixa — 2-7-4-3
Como numa oração quasi dolente,
Quando a tarde, a descer, beija o poente,
O mar parece envolto em grande queixa.

Cruel ou não, o tempo é que nos
[deixa — 6 5-2-7
A saúdade que embala tôda a gente,
Igualando, chorosa, a noiva ardente
Que em desmaios de luz solta a ma-
[deixa.

Se a *espuma* do mar, branca e dis-
[tante, — 1-2-7-4
E' o pranto, em perdição de algum
[amante,
Para o qual já morreu a Primavera.
Mas, no tom *azulado* do momen-
[to, — 4-7-5-3
Surge ainda, através do sofrimento,
Todo um sonho *florido* que se espera.

Arcos de Vale-de-Vêz *Freidank*

(Ao Confrade *Droþé*)

2) *Silencioso*, o Homem, loucamen-
[te, — 3-2-6-9.
e com a *vista* embaciada e *vaga*, —
[7-5-1-9.
não vê, carpindo sangue, a enorme
[chaga,
que alastra pelo mundo inconsciente.

SECÇÃO CHARADÍSTICA
Desporto mental
Sob a direcção de ORDISI
NÚMERO 23

E o Homem, Doido e *Sábio*, não presente, — 5

O *Supremo* perigo e a grande *vaga*, — 10-2-3-7.
Que nos atrai, assim, de fraga em fraga,
e na brutal voragem da torrente.

Mas *antes* que nos cubra a lama espúria — 10-
[2-8-7.

Há-de a *Razão* aniquilar a *Fúria*, — 8-4-10-9.
êsse fantasma que amortalha a terra.

O grito dos *humíldes* bradará.
E então a humanidade gritará:
Bendita seja a Paz! Maldita a Guerra.

Lisboa *Rocambole (T. E.)*

Agradecimento e resposta ao prezado confrade e exímio artista «Olegna»

«Diz matar o bicho com veneno
Se perdida ela vir a esp'rança
De amar...»
(*Olegna* — Desporto n.º 19)

3) *Desculpo, illustre* amigo, a brincadeira — 8, 2,
[3, 9, 6

De me «pintar» no Olimpo a tanger lira,
E ao bom confrade «Edmaro» a crassa asneira
De me chamar poeta — outra *mentira*... — 5, 4,
[9, 2, 8

De turvar a *cabeça* da sopeira — 3, 6, 7, 3, 4
Que tôda se «empapoi» e que suspira
Ao ver o seu trabalho; e a «chuchadeira»,
A *froça*!... Eu de balão, a marcha à tira — 3,
[9, 6, 3, 1

Tudo eu desculpo. O que não tem perdão
É ter-me retratado em pai-Adão,
O expôr-me nú em pêlo! Uma vergonha

Que fez criar «minhocas» à criada,
A pontos da cachopa desvaçada
Querer *matar* o «bicho» com peçonha!

Lisboa *Sileno*

CHARADA ANTIGA

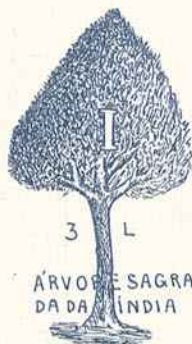
Ao confrade «*Jofralo*»

4) Na minha vida edipista,
Prás charadas que forgei
Nos meus velhos alfarrábios
Termos duros não *busquei*. — 2

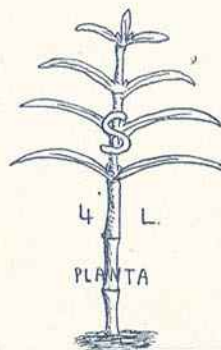
Pois se tais termos buscasse
Dos confrades punha a arder
Seus miolos e com isso
Eu teria *desprazer*. — 1

17)

ENIGMA FIGURADO



Vila de Rei



Doris I

Quem fizer uma charada,
Quer seja mestre ou aluno,
Deverá simplificá-la
Para não ser *importuno*.

Albergaria-a-Velha *Olegna (L. A. C.)*

MEFISTOFÉLICAS

5) A vida é, curta, tem *limite*,
E dá-la a pátria é um dever,
Obrigação de todo o ser
Sem esperar dela o convite.

A minha é longa, *sazonada*,
Mas todavia, sem canseira,
Responderá: pronto! à chamada
P'ra defender a nossa *fronteira*. — (3) 5

Lisboa *Barão Y.*

ENIGMAS

6) Duas consoantes
Formam uma *cabana*
Onde o caçador
Se *agaça*, com gana,
Esperando a caça.
Luanda *Ti-Beado*

7) Apenas duas vogais,
Meus amigos, apresento;
Irmãzinhas, muito iguais,
Como vêdes num momento.

Se uma nota musical,
Fôr no centro colocada,
Vereis um termo banal
Que... não vos digo mais nada.

Não queremos desânimo;
Coragem!... P'ra frente!!!... *Animo!!!*...
Leiria *Magnate (L. A. C.)*

TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

8) *Converte a resposta sem rodeio*. 2-2.

Lisboa *Infante*

9) *Ciosa* da sua *destresa*, apronta-se com *cuidado*. 3-2.

Lisboa *Mirna*

10) *Anda e volta sem capricho*. 1-1.

Vila de Rei *Doris I*

11) *Acolá dei alimento a um labrego*. 1-1.

Braga *Padreca*

(Ao distinto charadista e poeta *Záz-Traz*, convidando-o a colaborar nesta secção)

12) Só com muita *inspiração* eu poderia construir a *carlinga* do seu aeroplano. Não a construo e sinto *compaixão* pelo meu cérebro, porque ele está *estragado*. 2-2-1.

Vila Serpa Pinto
Dr. Sicasar (T. E. e L. A. C.)

13) Quem venera o *Deus dos Pastores* e o *Diabo*, ao mesmo tempo, só pode viver na *Capital dos Infernos*. 1-4.

Luanda *Ti-Beado*

14) *Eu te saúdo!* Virgem soberana, tôdas as noites em «*oração*». 2-3.

Lisboa *Rosa Negra*

15) Os impetos do *coração* ninguém pode *destruir*, quando uma bela se *seduzir*. 1-2.

Lisboa *Mirones (L. A. C.)*

SINCOPADAS

16) O meu *protector* usa fatos do melhor *tecido*. 3-2.

Luanda *Zé da Eira (L. A. C.)*

Tôda a correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: *Isidro António Gayo*, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

Há coisas muito estranhas nesta vida, a ponto de nos parecer que se vê tudo ao contrário.

Onde parece estar a razão está a loucura, onde julgamos estar a vítima encontramos o culpado.

Quanto a mim, faltam no código por que a sociedade se governa, alguns artigos!

E um dêles seria para castigar a estupidez humana, que se dá em qualquer caso, desde a aventura amorosa, até ao "conto do vigário", que, afinal, como eu já disse na conferência *Uma hora de amor*, na Associação Académica de Coimbra, o amor é o maior "conto do vigário" que existe.

É por isso que os vigarisados do amor deviam ser castigados. É verdade que a esses já lhes basta o desgosto da desilusão que é pena bem dura.

Uma mulher depara com um homem que parece sério, honesto, bem educado e incapaz duma deslealdade.

Com essa máscara, o homem conquista a sua confiança, a sua simpatia, e, por vezes, o seu amor.

Dá a pouco, o homem descuida-se no afivelar da máscara, e mostra-se tal qual é na realidade: pouco atencioso, coração sem sensibilidade e carácter desleal.

Calcula-se a impressão de profundo desgosto que se ficou para sempre na alma dessa mulher, que andava de boa fé, que era sincera e leal na sua dedicação, e que não raro lhe deu provas de

como o seu sentimento era digno de apreço e consideração da sua parte.

Foi vigarisada, mas ela a-pesar-de vítima merecia ser castigada, por cuidar que ainda havia, nesta época de egoísmo e materialidade algum homem capaz de experimentar por uma mulher ou-

O MUNDO ÀS AVESSAS

tra sensação que não fôsse um grosseiro desejo carnal, sem a mais pequena parcela de espírito a idealisá-lo e fazê-lo durar.

Foi também da parte dessa mulher uma estupidez, traduzida numa insensata ambição de felicidade amorosa, que é coisa que se já foi possível, em tempos em que a gente era mais sã no seu sentir, mais verdadeira no seu comércio espiritual com o seu selhante, hoje se tornou numa quimera inatingível, com as almas distraídas por aspirações mais prosaicas, onde um sonho de amor faz sempre má figura.

Mas, como já disse, a pessoa vigarisada neste caso trás já na alma o castigo para a sua ingenuidade, e já lhe chega, sem que a justiça dos tribunais tenha de intervir.

Há outros "contos do vigário", em que se explora a estupidez humana com promessas de lucros fantásticos que só quem é de uma crassa ignorância não vê que são promessas sem sentido, que nunca poderiam ser realizadas.

Aquele que compra um segrêdo para enriquecer com uma intrugice qualquer que posta em prática não dá resultado, o que não distingue o latão do oiro, o que acredita em bruxarias, êsses, é que deviam ir para a cadeia, para não serem "trouxas", e não acreditarem em mentirolos por demais transparentes.

Os vigaristas, francamente, não são tão culpados como quem se deixa ir assim nas suas cantigas.

Pelo menos dão mostras de inteligência — uma qualidade que é sempre digna de admiração, mesmo num patife.

Decididamente, eu, se mandasse nestas coisas, a ter de escolher entre o vigarisado e o vigarista, metia o primeiro na cadeia ou então metia lá os dois.

Em todo o caso, fazendo o desconto entre a estupidez de um e a esperteza do outro, eu carregaria com pena mais pesada o vigarisado.

E veriam como para a outra vez êle já teria mais cautela e abriria mais os olhos, quando o quisessem levar no bote da vigarice.

Isto é o que eu faria, se pudesse, é claro. Mas como não pode ser e a lei é lei aceite, limito-me a aconselhar os intrujados a que se calem, por vergonha, quando caírem nalgum dêsses "contos".

Olhem, eu já fui enganada uma vez, também com a ambição de querer ganhar alguma coisa e é êste o nosso mal.

Foi por uma cigana que fazia umas sortes muito engraçadas, com as quais feitas dum certo jeito a gente obtinha um objecto de grande valor.

Ora aquilo era uma batóia descarada e fartei-me de gastar dinheiro e no fim safu-me uma bagatela insignificatíssima.

Parei com o jôgo e mandei embora a mulherzinha.

Guardei-me de fazer queixa, porque compreendi que quem merecia ser castigada era eu, por ter tido a estúpida ingenuidade de acreditar no que depois, já tarde, vá ser inacreditável.

E é assim que todos devem proceder.

Mais vale perder o dinheiro do que a reputação de esperta, ainda que essa reputação seja falsa, até no nosso próprio conceito.

Tenham pudor na exposição da sua estupidez.

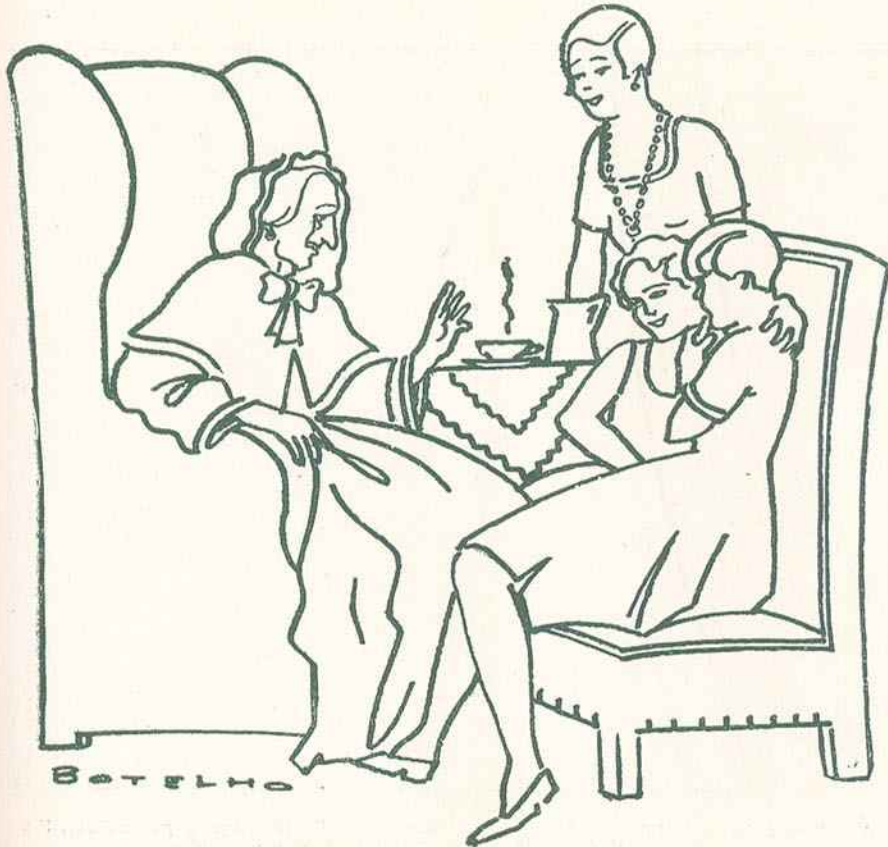
Eu já confessei o meu pecado, sem reboço e sem orgulho.

É, apesar de me julgar muito esperta — é uma presunção que todos nós temos — já caí nalgumas intrujices e não estou livre de tornar a cair noutras.

Sobretudo nas vigarices de ordem sentimental, pela minha excessiva lealdade, porque julgo que toda a gente é tão sincera como eu.

Quem mal não usa, mal não cuida...

É por mais que se esteja de prevenção, quando a nossa alma é franca e sincera, sempre acreditamos nesse "conto do vigário" que é o amor dos homens.



MERCEDES BLASCO.



Três fases sucessivas do difícil duplo salto mortal para a água, uma das melhores proezas do nadador alemão Wöls

A divulgação crescente das práticas desportivas têm exercido nos hábitos sociais incontestável influência, orientando insensivelmente os homens para o aprazimento pela vida natural, levando-os a dar preferência nas ocasiões de liberdade profissional à vida de campo ou de praia, tanto quanto possível diversa e distante do meio e da fórmula que lhes é costumada.

Dêste modo se gerou o hábito do passeio dominical, em que toda a família aproveitava o dia para fugir da cidade, levando consigo o farnel suficiente para evitar a preocupação das refeições cozinhadas e regressando noite caída, rica de recordações para a semana inteira e sonhando já com a repetição da festa no domingo imediato.

Nestes últimos anos, o apreço pela vida ao ar livre desenvolveu-se mais ainda e generalizou-se a prática excelente do campismo que, durante o verão e nos deliciosos dias do princípio do outono, faz brotar como cogumelos pelos pinhais e serras dos arredores lisboetas as alvas

barracas de lona onde se albergam os fugitivos habitantes da cidade.

O gosto pelo acampamento, iniciado talvez pela introdução do escotismo em Portugal, mantém-se por enquanto no país subordinado apenas à iniciativa individual, sem organização colectiva que seria interessante de estimular; existe teoricamente um clube destinado a dirigir e desenvolver a prática do campismo entre os seus associados, mas cuja actividade ainda não despertou nem em sua volta foi lançada a propaganda indispensável ao êxito da iniciativa. Entregue, contudo, a sua orientação a pessoas entusiastas e trabalhadoras é lógico esperar para breve as primeiras manifestações de tal colectividade, que virá imprimir o impulso decisivo à vulgarização e organização metódica do campismo em Portugal.

Confesso-me velho apaixonado por esta liberdade campista, julgada incômoda e faticante por quem nunca a experimentou, mas conquistadora de adjectivos em todos que uma só vez a viveram. Fugir da atmosfera viciada da cidade, escapar às restrições da existência organizada pelos moldes severos do dever social, sentir-nos durante alguns dias arredados do mundo e dos seus pensamentos inquietantes, na paz edénica de qualquer recanto pitoresco e afastado do convívio humano, é para os nossos espíritos exaustos incomparável renovação de energias.

O meu acampamento dêste ano, retardado pela ausência na caravana da Volta a Portugal, foi instalado perto de Galamares, na quinta que um amigo amabilíssimo, o sr. Carlos Mazetti, pusera ao



A emocionante chegada dos 100 metros, nos campeonatos europeus de atletismo; da esquerda para a direita, Van Beveren (4.), Mariani (2.), Strandberg (3.) e o vencedor Osendarp

A QUINZENA DESPORTIVA

dispor do bando organizado com a família e camaradas clubistas dos filhos; duro infelizmente apenas três dias incompletos, que mais curtos pareceram pelo suave deslizar das horas, mas constituiu aprazível estância que a saudade não permite esquecer.

O local escolhido para montar a barraca, num pequeno terreiro limpo de mato, abrigado da nortada pelas primeiras lombadas da serra de Sintra, — a sempre verde, — a trinta passos duma nascente cristalina e fresca, dir-se-ia preparado propositadamente para regalo de campistas. Para nada nos faltar até dispunhamos, próximo, dum tanque de vastas dimensões e esplêndida água, onde podíamos tomar banho e nadar a toda a hora.

Agora os freqüentes momentos de contacto com os seus gentilíssimos anfitriões, os nove do acampamento só na primeira noite, entre o fim do jantar e o toque a recolher, vieram à zona habitada, para o caso representada pela estrada de Colares onde passeiam, à falta de melhor, os veranetes de meia dúzia escassa de vivendas vizinhas.

Citamos o acontecimento porque serviu para pôr em foco o espírito preconceituoso das classes portuguesas que mantêm o regime de vida enclausurada, ou melhor dito artificialmente desligada da natureza, que foi norma das gerações de há trinta anos e às quais tudo quanto lhes é estranho, parece mal.

A despreocupação do nosso traje, que

para todos, rapazes e raparigas, constava da calça e do blusão do fato de treino, serviu de pretexto a comentários, e a curiosidade malévola foi tal que pessoas houve a quem foi impossível resistir à tentação duma visita nocturna e incógnita à instalação dos "vagabundos".

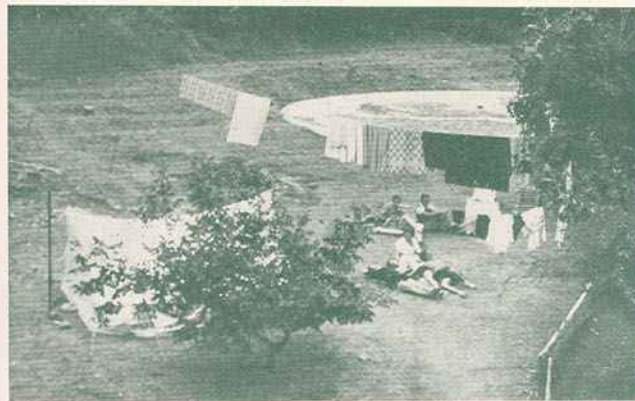
Depois de havermos recolhido à barraca, quando alguns haviam já adormecido, ouvimos os outros, passos e cochichar de fariseus rondando nas vizinhanças do acampamento na ridícula expectativa de misteriosos acontecimentos.

Demonstra êste episódio a necessidade daquela propaganda organizada que referimos no início desta crónica; para fazer compreender à burguesia comodamente instalada o prazer saudável da vida campista torna-se indispensável a organização de grandes acampamentos de conjunto e a criação de qualquer entidade que facilite o serviço do material preciso a quem o não possua próprio.

Bem aproveitado o inverno para estudo e divulgação destas ideias, poder-las-emos ver facilmente triunfantes no verão do ano próximo.

Os segundos campeonatos europeus de atletismo, disputados em Paris, alcançaram grande êxito e mostraram o progresso dos melhores homens do velho continente em certas provas onde vão aproximando-se com segurança dos até aqui incontestados mestres americanos; só em velocidade pura e em saltos se não revelou qualquer homem que possamos considerar possível vencedor olímpico nos Jogos finlandeses de 1940.

De todas as competições realizadas, a do lançamento do dardo foi a que melhores resultados forneceu, com os cinco homens melhor classificados atingindo além dos setenta metros.



O acampamento, à hora da sesta, reúne no mais agradável à vontade, os componentes do grupo



A' hora do banho, os campistas deliciam-se na água fresca do tanque, certamente invejados pelos espectadores

Na officiosa classificação geral, os alemães obtiveram a maior pontuação, seguidos pelos finlandeses e suecos, devendo notar-se que à equipa inglesa deve o seu quarto lugar à ausência dalguns dos seus melhores elementos, que não puderam ou não quiseram deslocar-se a França. Considera-se também estranha a fraca figuração dos italianos e húngaros que não conseguiram conquistar uma única vitória.

A modesta representação portuguesa, cingida às condições menos favoráveis pela mesma dificuldade financeira de sempre, resumiu-se de facto à simples presença do nome do país no desfile das nações concorrentes.

António Calado, que suportou muito mal a viagem, terminou em último a sua eliminatória dos 800 metros, em tempo inferior ao que esperavamos dos seus recursos e escrupulosos preparações.

A crítica, certa crítica tendenciosa que se expandiu em volta da escolha do corredor almadense, seria de contestar por

argumentação falsa e injusta se não conhecessemos de sobra os processos e hábitos de quem a fez; por isto ninguém a considerou, nem vamos nós perder espaço a explicar o que todos perceberam.

Não queremos fechar esta crónica sem referência à visita dos nadadores alemães, que tanto êxito obteve nos festivais de Algrés.

Mais uma vez se provou que o marasmo em que vivem certos desportos se deve unicamente ao escasso interesse das suas competições pois quando o programa tem valor o público acorre sempre numeroso a corresponder à iniciativa dos organizadores.

Longe de constituir o melhor núcleo de elementos nacionais, o grupo dos visitantes germânicos trouxe aos nossos especialistas preciosos ensinamentos e englobava nas suas fileiras dois homens de classe excepcional: o nadador de velocidade Fischer e o saltador Erhard Weiss, que é talvez neste momento o melhor de todo o mundo, como provou quinze dias antes de vir para Lisboa, vencendo no encontro oficial Estados Unidos-Europa, os dois seleccionados americanos.

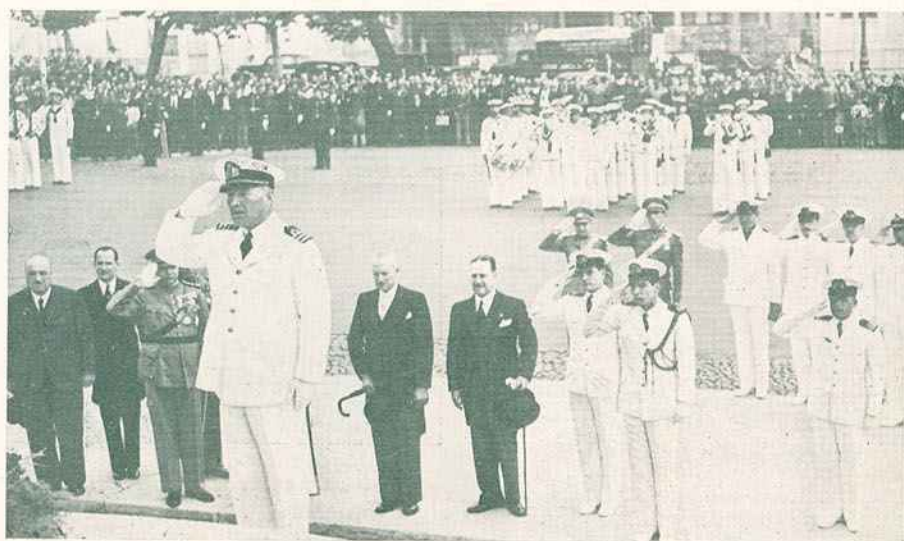
Oxalá visitas semelhantes se repitam anualmente, pois só assim alcançaremos progresso que nos coloque em posição de competir com as outras nações continentais.

Por mais cuidadas que sejam, as competições nacionais não podem bastar para garantir o estímulo indispensável ao progresso definitivo da especialidade, tanto mais que não perdemos o hábito desastrosos das questinuculas mesquinhas, constante embaraço para todas as iniciativas fora do rumo habitual.

Se algum desporto merece cuidado de preferência sobre os outros, êsse será sem dúvida a natação, essencialmente utilitária, completa como exercício físico e adaptável a todas as idades e recursos dos praticantes.

SALAZAR CARREIRA.

ACTUALIDADES DA QUINZENA



A guarnição do navio-escola argentino «Presidente Sarmiento» na sua visita a Lisboa, prestou homenagem solene aos portugueses mortos na Grande Guerra. — *A' esquerda*, vê-se o sr. general Amílcar Mota no momento de entrar a bordo. — *A' direita*: o comandante argentino em frente do monumento aos portugueses mortos na Grande Guerra



Excursionistas da «Entente Latina» que visitaram Portugal, a-fim-de conhecerem e apreciarem o nosso País. O grupo acima foi obtido na Legação de França, onde o sr. Amé Leroy, ilustre ministro d'este País, ofereceu aos seus compatriotas um «Porto de Honra», dirigindo-lhes cumprimentos e desejando-lhes feliz viagem



Os comandantes da Brigada Naval da «Legião Portuguesa» com os oficiais da «Sagres» num almoço comemorativo e de confraternização, a bordo. Em calorosos discursos foram agradecidos os ensinamentos e tratamento que os legionários receberam durante o período de instrução no último cruzeiro

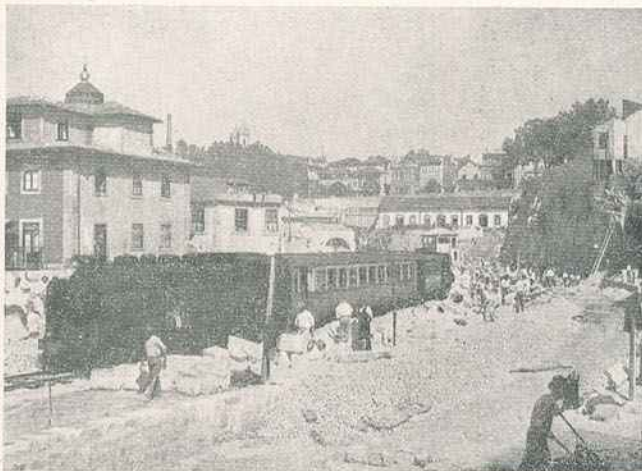
NOTÍCIAS DA QUINZENA



No Atlético de Campo de Ourique, o sr. Benvindo Cardoso, presidente da direcção, entregando a José de Albuquerque, vencedor da VII Volta a Portugal em bicicleta, uma das placas comemorativas da prova. No final da sessão, que decorreu entusiasticamente, foi oferecido um «Pôrto de Honra», sendo proferidos calorosos discursos. Tomaram parte na festa artistas de variedades



O novo edifício do Liceu Literário Português inaugurado há dias no Rio de Janeiro, constituindo a cerimónia uma sincera demonstração da amizade entre portugueses e brasileiros



Um aspecto da chegada do primeiro comboio à nova estação da Trindade, no Pôrto, um dos últimos grandes melhoramentos da capital do Norte — A' direita, alguns dos convidados que viajaram no comboio. Ficou assim concluído o almejado Troço ferroviário da Boavista à Trindade



O sr. engenheiro Roberto Espregueira Mendes e os demais convidados no acto inaugural da linha férrea de cintura, do Pôrto. Esta cerimónia foi realizada com aparato brilhantismo e num ambiente de jubiloso entusiasmo popular. A cidade do Pôrto é circundada pela linha férrea que atravessa extensos terrenos dos vizinhos concelhos de Valongo, Gondomar e porto marítimo de Leixões



Alegria a casa com flores, torna-la confortável e a altura de a embelesar, renovando, se possível for as coisas que estão velhas, e dando ao lar todo o encanto, que fará esquecer ao marido tudo o que não seja a sua casa.

As crianças estão turbulentas, habituadas a brincar em liberdade, sentem-se mal na casa da cidade, onde estão apertadas e sem poder fazer barulho.

Desabituaças do estudo, custa-lhes estudar, e a levantar a horas de entrar na escola ou de ir para o liceo. Não é rabando que se obtém delas a oblige acimatização ao dever, que desde pequeninas têm de ter, mas sim fazendo com que lhes custe menos a prisão em que estão habituando-as, a ler, a ter jogos que as entretenham e sobretudo não descurar o seu passeio quotidiano a um jardim onde possam brincar à vontade.

Mostrar-lhes com bom modo que têm de levantar-se e que trabalhar estudando é ainda uma das mais agradáveis maneiras de o fazer.

E creiam, minhas senhoras, que tanto os maridos como os filhos, retomarão com maior coragem e mais alegria as obrigações de todos os dias e aceitarão de melhor grado a mudança de vida que lhes traz o findar das férias, ao ver o nosso sorriso, ao ver o prazer com que retomais o pesado encargo da direcção da casa e ao ver como atenciosos a tudo, sem lamentações e sem saudades exigidas do bolo tempo passado.

Recordar com alegria os belos dias que se passaram, sem lamentações, mas mostrando que eles são a merecida recompensa do trabalho de toda a ano, é uma maneira de fazer aceitar com satisfação o dever, na esperança bem fundada, que se o trabalho for bem feito, as lições bem estudadas, esses dias de alegria voltarão de novo, como bem foram merecidos.

E assim tudo será aceite com essa tranquila alegria que torna a vida feliz. É talvez difícil à dona do casa sobre quem tudo recai, aparentar essa alegria descuidada, esse despreendimento pelos dias bem passados, mas a mulher que tem de ser a alma da casa tem sempre de reservar para si o papel difícil.

E quando a mulher compreende bem qual é o seu dever, desempenha-o com essa naturalidade, que a torna a maior força na sociedade.

Esse papel de doçura maternal, que a leva a envolver na sua sorridente dedicação todos os

PÁGINAS FEMININAS



sens, que são o tesouro mais rico da sua alma, porque são as suas afecções e representam esse dever querido de toda a mulher que verdadeiramente o é, do se dedicar de corpo e alma.

MARIA DE EÇA.

A MODA

EM pleno outono a moda convida-nos a preparar «toilettes» que façam brilhar a elegância até à entrada do inverno e que sem perder o cunho do «chic» que deve ter toda a senhora, que deseja manter na sociedade o seu prestígio não sejam de molde a não poder ser usadas no inverno.

É preciso sempre atender a que há senhoras que não têm orçamento para grandes despesas em «toilette» e no entanto, como é bem natural, gostam de andar bem vestidas. É pensando nessas senhoras que procuramos sempre que os nossos modelos tenham aproveitamento.

Vestir bem não quer dizer vestir caro e há senhoras que conseguem verdadeiros milagres sem gastar muito. É preciso sempre dispendir para andar «chic», porque sem gastar alguma coisa ninguém pode fazer vestidos, mas há a par duma despesa desordenada que algumas senhoras fazem, uma maneira de vestir que não importa gastar muito sabendo fazer as coisas.

Uma das medidas económicas é aproveitar vestidos em bom uso fazendo-lhes arranjos.



Damos hoje um modelo de «tailleur» de outono que se presta muito para a modificação dum vestido.

Em fazenda preta, a saia é completamente lisa. O casaco abotoa na cintura e tem algarbielhas cortadas no mesmo. A gola é que modifica por completo qualquer aspecto anterior, porque forma bandas «à godets» até à abotoadura. Essas bandas e gola são guarnecidas com tiras de setim preto com «pans» brancos. O peitilho é do mesmo setim.

Chapéu em feltro preto guarnecido com um laço em fita preta e branca, luvax de pelica preta e sapatos de camurça preta.

Para um dia de chuva ou mesmo de frio desses que nos surpreendem no outono temos um grosso casaco, ótimo para viagem, em grossa fazenda cinzenta, ajusta na cintura, com uma fivela em «galalite». Uma «écharpe» de cor viva e um chapéu de feltro do mesmo tom do casaco, guarnecido com a cor da «écharpe» forma uma toilette da maior comodidade e dum uso muito pratico.

Dois elegantíssimas «toilettes» de meia estação. Um «tailleur» cor de areia, saia em pregas cósidas até ao joelho albrindo para baixo. Blusa em seda grossa forma chemisette fechando no pescoço com uma gravatinha azul escura. Casaco «trois quarts» com umas costuras marcantes e umas mangas muito originais. Chapéu em feltro azul escuro guarnecido com duas aulinhas.

A outra toilette é o chamado vestido de três peças, em azul escuro e amarelo. Muito pratico

para a caça pelo seu agasalho, saia em pano azul escuro formando dois machos na frente, casaco num tecido «jacquard» fundo azul e desenhos amarelos.

Grande capa em pano azul igual à saia. É para notar a maneira como encaixa nos ombros fazendo uma prega do mais lindo efeito. Chapéu em feltro azul escuro.

Nos chapéus há graciosas novidades no feito e na guarnição. Damos um elegantíssimo modelo em «diamond» preto. A aba levantada é muito alta do lado abaixando gradualmente até ao outro lado, caindo sobre a orelha. Uma «ai-grette» que vai do preto ao rosa pálido é a sua única e rica guarnição. São para notar as marmas que no pescoço briha, a marta é a pele da moda.

Para a noite temos um elegante e simples vestido em «serape imprimé» cuja beleza está no colorido e no desenho, acompanha-o um bolero de manga curta em gibeclina, feito às tiras tem as mangas curtas. Presta-se ao aproveitamento dum antigo casaco.

Para jantar um elegantíssimo vestido em «étamine» de seda às riscas pretas e brancas dum graciosos originalidade. Todo armado em cortes, que colocam as riscas em sentidos diferentes é um vestido que exige uma tesoura de mestra. A frente é toda abotoada em botões de azeviche preto, um cinto em veludo preto sublinha a cintura.

Este vestido dum requintado gosto exige pela



sua novidade uma figura impecável e uma boa estatura. É daqueles vestidos que exigem estudo para ser usados.

A MENTIRA NA VIDA HUMANA

A mentira é uma das mais horríveis coisas, ela deforma a vida, ela pode quando usada com maldade causar os peores males. A mentira para os católicos praticantes é um pecado, e no entanto a mentira está instalada na vida humana, todos mentem, mais ou menos gravemente, mas como desculpa ou para se engrandecer, ou modificar o aspecto das coisas; raros são aqueles que são sempre verdadeiros e nunca mentem.

Ainda não há muito assisti a uma engraçada cena: uma senhora declarava que tinha o mais profundo horror pela mentira, que tinha o condão de a adoecer, a falta de verdade, e voltando-se muito naturalmente para a criada disse-lhe: «Se vierem visitas, diga que não estou porque me vou vestir para sair com esta senhora!»

A mentira da criada não contava no número das mentiras que a adoeciam! E assim nas mais pequenas coisas, nós vemos que a mentira está instalada na vida de todos os dias.

É frequente ouvir dizer: «Ali vem aquele maquilo» e ao encontrarem-se «Que prazer em vê-lo, já tinha saudades suas». E assim todos os dias a todas as horas a mentira vive instalada comodamente, na vida dos homens e... e das mulheres.

É às vezes gravemente instalada destruindo a confiança mútua, fazendo da vida um tecido de negras falsidades. Mas a verdade é, que a absoluta franqueza, a sinceridade absoluta, a verdade em todo o seu esplendor, tornariam impossível o convívio social.

Há pequenas mentiras que já o não são porque todos as conhecem, como quando se vai fazer uma visita de cortesia e se não encontram os donos da casa e se diz à criada, «diga à senhora que tenho a maior pena de a não encontrar».

Nem a criada nem a senhora acreditam essa pequena mentira, que perde assim todo o valor e passa apenas a ser uma fórmula de delicadeza. Essas são as mentiras que não têm importância.

Das grandes, das graves é que é ter medo e sempre evitá-las.

DE MULHER PARA MULHER

Violeta: — Não imagina como gostei de a saber feliz e tão bem integrada na sua nova vida. A felicidade consiste em sabermos viver a vida que se nos depare sem estarmos a fantasiar, que ela poderia ter sido outra. Acho que faz muito bem em os receber, não há nisso o menor inconveniente, e deve mesmo evitar dar a conhecer que soube o que disseram. Não tem a menor importância.

ESTÃO acabadas as férias, dentro de poucos dias começam a funcionar os estabelecimentos do ensino, estão abertas as aulas e todos os que têm à sua conta gente noiva, estudantes, regressam à sua casa.

Acabaram esses dias de descanso que durante meses decorreram alegremente num ambiente saudável de praia ou campo. Para uns foram as férias de continuo divertimento em lugares do mundo, onde a vida é mais exigente do que na própria cidade, para outros as férias decorreram numa saudável vida ao ar livre.

E nós temos de Norte a Sul, de Melgaço a Vila Real de Santo António, os mais aprazíveis locais para uma vida higiénica. Praias lindas como em nenhuma outra parte, águas deliciosas de bocalismo, onde alegres regatos correm entre verdes prados, pinhais saudáveis dão ao ar esse perfume balsâmico, que fortifica e enrije. Seras grandiosas onde se respira e se vive nas alturas, alheio do que se passa pelo mundo.

Mas estes poucos meses do ano que passam tão rapidamente acabaram-se e as férias grandes estão terminadas; a vida sem preocupações, essa vida que tonifica e acalma é substituída pela agitada vida da cidade. Todos retomam as suas ocupações e nos primeiros dias, se é certo que o corpo vem mais forte, mais apto a dispendir energias, o espírito sente ainda a maior relucência em voltar à disciplina severa, do estudo ou do trabalho.

Mas que remédio, tem de ser assim e nada melhor do que voltar com submissão ao trabalho e ao estudo, e esquecer o prazer da vida serena, sem obrigações e sem horas marcadas desde pela manhã até à noite.

Para as donas de casa que durante as férias tiveram a doçura duma vida de hotel ou a coisa simples e sem complicações a governar, é também doloroso o integrar de novo na vida da cidade, complicada engrenagem, que a custa que a civilização acarreta atrás de si torna mais difícil e até dolorosa, quando o orçamento é restrito e é preciso fazer economias.

Mas a dona de casa é quem tem a obrigação de nos mostrar o seu desanimo em frente da tarefa habitual e tem de animar todos para que retomem com satisfação a disciplina da vida. É este o papel da mulher no lar.

Ao marido é aborrecido recomencar com o seu trabalho, ainda um pouco mal humorado, não tem a alegria que durante as férias manifestou, o mulher incumbe o suavizar lhe essa passagem da vida livre e sadia, à corrente dura do trabalho diário.

E deve fazê-lo sem lhe fazer sentir que nota essa sua pouca disposição para cumprir o seu dever. Isso poderia indispor-lo ainda mais, mas mostrando-se alegre sem fazer notar, que também para ela a vida é mais dura e mais difícil.



FIM DE FESTA

Bridge

(Problema)

Espadas — — — —
Copas — A, D,
Ouros — R, 5, 3
Paus — 4, 3, 2

Espadas — — — — N Espadas — R.
Copas — V. O Copas — R, 10, 9, 8
Ouros — D, 10, 8, 6 E Ouros — V, 9, 7
Paus — A, R, D. S Paus — — — —

Espadas — A, 3, 2
Copas — 3, 2,
Ouros — A, 4, 2
Paus — — — —

Trunfo espadas. S joga e faz 7 vasas

(Solução do número anterior)

S joga A. c.
S > R. o, N — A. o.
N > 2 o, S — R. c.
S > 5 c, N — 6 p. E — 9 c.
E tem de jogar espadas e O não pode defender ouros e paus.

A peça de fazenda

(Solução)

Oito cortes. Com o oitavo e último, ficam logo cortados duma só vez, dois pedaços de dois metros cada um.

Xadrez

(Solução)

Lance inicial: D — 7 C R.
Se D x D ou se R — 2 B D, mate por P — 8 R = C; se P jogar qualquer outra coisa, D — 5 R cheque-mate.

Edison, o célebre inventor americano, há anos falecido, não conservava como recordação das pessoas que o visitavam, nem autógrafos, nem retratos, mas sim cilindros fonográficos impressionados, falando ou cantando, pelas visitas.

De vez em quando, Edison ia ao seu album falante, que ele guardava preciosamente num arquivo especial, escolhia aqueles de cujos autores lhe aprazia a lembrança, e assim se distraía com a reprodução vocal e fiel das ditas pessoas.

Diversas nações do mundo têm feita gravar ou imprimir muita variedade de coisas para lhes servirem como dinheiro.

Além de papel e várias espécies de metais, incluindo a platina, têm usado peles, vidro, borraça, porcelana, madeira, barro, cartão e setim.

Nos mares da Índia há uma alga muito abundante que recebe vulgarmente os nomes de Ajaaja, musgo, de Jafua ou de Ceilão, líquen amilácio, alga de Java, etc., e a que na Europa se dá mais correntemente o nome de Agar-Agar e que se emprega no Oriente na preparação de doces, ou com fins industriais no fabrico de papel e de grades.

Longevidade de certos animais

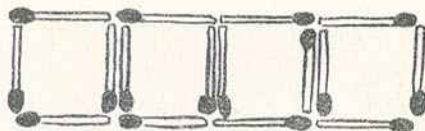
Qual é o animal que vive mais tempo? Sobre este assunto estão em desacôrdo vários cientistas. Contudo, os animais de maior longevidade consta serem: a baleia, o elefante, a tartaruga, o crocodilo, a águia, o cisne e o papagaio. Em geral, parece que os réptis vivem mais do que as aves e estas mais do que os mamíferos. Há, porém, notáveis excepções. O elefante, é sem dúvida, um dos animais que vive mais tempo; e o de África mais mesmo que o da Índia, não sendo a idade de 100 anos considerada extraordinária.

Um memoradum do coronel Robertson, oficial do exército britânico em Ceilão, em 1799, indicava haver em Madura, um elefante cujo registro mostrava ter sido apanhado aos Portuguezes pelos Holandezes em 1656, e ter servido os seus novos donos durante 140 anos até cair nas mãos dos inglezes.

Dizem que há, na Cidade do Cabo, uma tartaruga cuja idade se avalia com 200 anos. As grandes tartarugas das Ilhas Galapagos crê-se que vivem dois séculos.

Sempre os fósforos

(Passatempo)



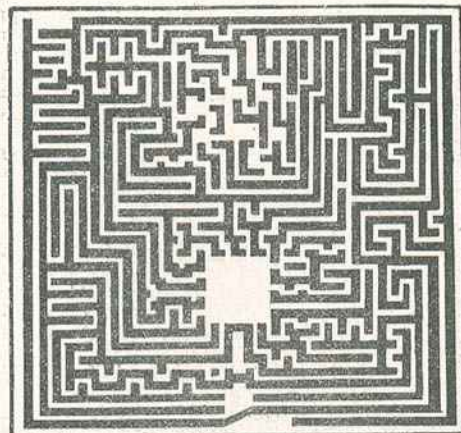
Com os 16 fosforos que aqui estão formando 4 quadrados, formar, em vez disso, cinco.

Uma recente estatística feita em Washington, demonstra que há no mundo 61.924 salas de projecção cinematográfica, das quais 36.955 podem fazer passar filmes sonoros.

Em primeiro lugar figura a Europa com 30.623 salas; a América, em seguida, com 25.690. O último país do mundo, sob o ponto de vista do número dos cinemas é Madagascar, que só possui quatro.

Os fenícios são notáveis porque substituíram a escrita fonética (16 letras atribuídas a Cadmo) á idiográfica. Os sacerdotes egípcios preferiram-lhe, por conveniência, a escrita simbólica. Os gregos, porém, adoptaram o sistema fenício.

Labirinto



Não basta entrar neste labirinto; é necessário, depois, sair dele.

E também se pode experimentar fazer o trajecto em sentido inverso.

As diversas côres das pérolas finas

O que dá merecimento a uma pérola fina é a sua côr, forma e grossura. As pérolas brancas são as mais apreciadas e entre os diversos tons do branco que variam desde o branco ceruleo ou prateado e o branco amarelado até ao amarelo de oiro e o cinzento azulado, prefere-se o tom levemente amarelado. Há pérolas côr de rosa, azuis e lilazes, mas, em geral, as pérolas de côres só têm valor para os amadores de curiosidades; é um valor puramente de fantasia.

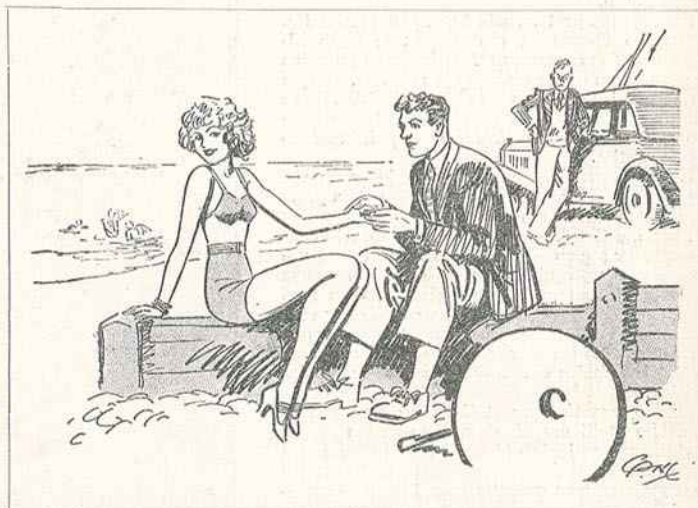
Algumas definições da mulher

Geométrica: — A mulher é um polígono irregular, de um sem número de faces.

Algébrica: — A mulher é um X indispensável: a incógnita de equação divina.

Química: A mulher é um «corpo simples» que ferve a temperatura baixa.

Optica: A mulher é um «fotómetro» cuja sombra cresce na obscuridade, na proporção do tempo e das distâncias.



Ele: — Depois, quando se fór embora, quero que pense em mim todos os dias, ouviu?
Ela: — Não pode ser antes um dia sim, outro não? E' que eu prometi áquele rapaz com quem ontem dansei no Casino, pensar nele também!

(«The Happy Magazine».)

ACABA DE APARECER O ALMANAQUE BERTRAND

para **1939**

40.º ANO DA SUA PUBLICAÇÃO

Coordenado por M. FERNANDES COSTA

Unico no seu género

A mais antiga e de maior tiragem de tódas as publicações em língua portuguesa

RECREATIVO E INSTRUTIVO

Colaborado pelos melhores autores e desenhistas portugueses e estrangeiros

LIVRO MUITO MORAL

podendo entrar sem escrúpulo em tódas as casas

PASSATEMPO E ENCICLOPÉDIA DE CONHECIMENTOS ÚTEIS

Colaboração astronómica e matemática muito interessante por professores de grande autoridade nestes assuntos

Um grosso volume de 384 páginas, ornado de 374 gravuras, cartonado **10\$00**

Encadernado luxuosamente **18\$00**

Pelo correio à cobrança mais 2\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Companhia de Seguros SAGRES

Sinistros pagos até 31-12-1937

Esc. 19.983.462\$61

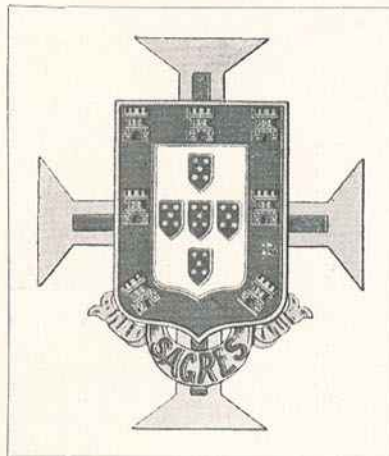
Seguros Acidentes de Trabalho

Seguros de automóveis,
Responsabilidade civil,
todos os riscos

CONSULTEM

A

SAGRES



Capital e reservas em 31-12-1937

Esc. 14.645.207\$83

Seguros Postais, Fogo,
Marítimos, Agrícolas
e Cristais

Seguros de Vida
em tódas as modalidades

CONSULTEM

A

SAGRES

Companhia de Seguros SAGRES

RUA DO OURO, 191 — (Edifício próprio) — **Telef. 2 4171**

A Companhia mandará um empregado a quem o solicitar mesmo pelo telefone

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00 15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00 10\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br. AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00 8\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00 8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50 8\$00
ELAS E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00 10\$00 8\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	12\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00 9\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Confe- rências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00 8\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. PÁTRIA PORTUGUESA — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$50; br.	12\$50
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Confe- rência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
VIAGENS EM ESPANHA, 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br. CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br. D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br. MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	1\$50 8\$00 3\$00 8\$00 2\$00 3\$00 2\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br. PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00 4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br. SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br. SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br. SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br. UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	2\$00 6\$00 8\$00 3\$00 8\$00 8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

Uma boa colecção de livros
de grandes autores
dá categoria a quem a possui

A LEITURA DELEITA E INSTRUE

VENDAS A PRESTAÇÕES

ENTREGA IMEDIATA DAS OBRAS
contra o pagamento da 1.ª prestação

A LIVRARIA BERTRAND

estabeleceu um sistema especial de vendas
que denominou

Crediário Cultural

Por êste sistema, — novo processo de vendas
adoptado nalguns países da Europa e especial-
mente da América, — contribue-se para a cultura
dum povo, facilitando-se a aquisição das obras
dos mais notáveis autores.

**Prestações mensais desde vinte
e cinco escudos, segundo a importância
da compra, sem fiador, sempre com
a bonificação do sorteio e com
direito à escolha de obras men-
cionadas em catálogo especial.**

**O comprador favorecido com
o sorteio não paga mais nada,
saldando assim a sua conta
apenas pelo que tiver pago.**

Peçam catalogos e informações á

LIVRARIA BERTRAND

A mais antiga livreria de Portugal

Rua Garrett, 73 — LISBOA

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Be-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versões portuguesas autorizadas pelo autor e editores, feitas pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1 — **Da terra à lua**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos, tradução de Henrique de Macedo. 1 volume.
- 2 — **À roda da lua**, trad. de Henrique de Macedo. 1 vol.
- 3 — **A volta ao mundo em oitenta dias**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Aventuras do capitão Hatteras, trad. de Henrique de Macedo:
- 4 — 1.^a parte — **Os ingleses no Polo Norte**. 1 vol.
- 5 — 2.^a parte — **O deserto de gelo**. 1 vol.
- 6 — **Cinco semanas em balão**, trad. do Dr. Francisco Augusto Correia Barata. 1 vol.
- 7 — **Aventuras de três russos e três ingleses**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 8 — **Viagem ao centro da terra**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
Os filhos do capitão Grant, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 9 — 1.^a parte — **América do Sul**. 1 vol.
- 10 — 2.^a parte — **Austrália Meridional**. 1 vol.
- 11 — 3.^a parte — **Oceano Pacífico**. 1 vol.
Vinte mil léguas submarinas:
- 12 — 1.^a parte — **O homem das águas**, trad. de Gaspar Borges de Avelar.
- 13 — 2.^a parte — **O fundo do mar**, trad. de Francisco Gomes Moniz. 1 vol.
A ilha misteriosa, trad. de Henrique de Macedo:
- 14 — 1.^a parte — **Os naufragos do ar**. 1 vol.
- 15 — 2.^a parte — **O abandonado**. 1 vol.
- 16 — 3.^a parte — **O segredo da ilha**. 1 vol.
Miguel Strogoff, trad. de Pedro Vidoeira:
- 17 — 1.^a parte — **O correio do Czar**. 1 vol.
- 18 — 2.^a parte — **A invasão**. 1 vol.
O país das peles, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho:
- 19 — 1.^a parte — **O eclipse de 1860**. 1 vol.
- 20 — 2.^a parte — **A ilha errante**. 1 vol.
- 21 — **Uma cidade flutuante**, trad. de Pedro Guilherme dos Santos Denis. 1 vol.
- 22 — **As índias negras**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
Heitor Servadac, trad. de Xavier da Cunha:
- 23 — 1.^a parte — **O cataclismo cósmico**. 1 vol.
- 24 — 2.^a parte — **Os habitantes do cometa**. 1 vol.
- 25 — **O doutor Ox**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
Um herói de quinze anos, trad. de Pedro Denis:
- 26 — 1.^a parte — **A viagem fatal**. 1 vol.
- 27 — 2.^a parte — **Na África**. 1 vol.
- 28 — **A galera Chancelor**, trad. de Mariano Cirilo de Carvalho. 1 vol.
- 29 — **Os quinhentos milhões da Begun**, trad. de A. M. da Cunha e Sá. 1 vol.
- 30 — **Atribulações de um chinês na China**, trad. de Manuel Maria de Mendonça Balsemão. 1 vol.
A casa a vapor, trad. de A. M. da Cunha e Sá:
- 31 — 1.^a parte — **A chama errante**. 1 vol.
- 32 — 2.^a parte — **A ressuscitada**. 1 vol.
A jangada, trad. de Pompeu Garrido.
- 33 — 1.^a parte — **O segredo terrível**. 1 vol.
- 34 — 2.^a parte — **A justificação**. 1 vol.
As grandes viagens e os grandes viajantes, trad. de Manuel Pinheiro Chagas:
- 35 — 1.^a parte — **A descoberta da terra**. 1.^o vol.
- 36 — 1.^a parte — **A descoberta da terra**. 2.^o vol.
- 37 — 2.^a parte — **Os navegadores do século XVIII**. 1.^o vol.
- 38 — 2.^a parte — **Os navegadores do século XVIII**. 2.^o vol.
- 39 — 3.^a parte — **Os exploradores do século XIX**. 1.^o vol.
- 40 — 3.^a parte — **Os exploradores do século XIX**. 2.^o vol.
- 41 — **A escola dos Robinsons**, trad. de Assis de Carvalho. 1 vol.
- 42 — **O raio verde**, trad. de Mendonça Balsemão. 1 vol.
Kériban, o Cabeçudo, trad. de Urbano de Castro:
- 43 — 1.^a parte — **De Constantinopla a Scutari**
- 44 — 2.^a parte — **O regresso**. 1 vol.
- 45 — **A estrela do sul**, trad. de Almeida de Eça. 1 vol.
- 46 — **Os piratas do arquipélago**, trad. de João Maria Jales. 1 vol.
Matias Sandorff:
- 47 — 1.^a parte — **O pombo correio**. 1 vol.
- 48 — 2.^a parte — **Cabo Matifoux**. 1 vol.
- 49 — 3.^a parte — **O passado e o presente**. 1 vol.
- 50 — **O naufrago do «Cynthia»**, trad. de Agostinho Sottomayor. 1 vol.
- 51 — **O bilhete de lotaria n.º 9.672**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
- 52 — **Robur, o Conquistador**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Norte contra Sul, trad. de Almeida de Eça:
- 53 — 1.^a parte — **O ódio do Texar**. 1 vol.
- 54 — 2.^a parte — **Justiça**. 1 vol.
- 55 — **O caminho da França**, trad. de Cristóvão Aires. 1 vol.
Dois anos de férias, trad. de Fernandes Costa:
- 56 — 1.^a parte — **A escuna perdida**. 1 vol.
- 57 — 2.^a parte — **A colónia infantil**. 1 vol.
- Família sem nome**, trad. de Lino de Assunção:
- 58 — 1.^a parte — **Os filhos do traidor**. 1 vol.
- 59 — 2.^a parte — **O padre Johann**. 1 vol.
- 60 — **Fora dos eixos**, trad. de Augusto Fuschini. 1 vol.
Cesar Cascabel:
- 61 — 1.^a parte — **A despedida do novo continente**, trad. de Salomão Sáraga. 1 vol.
- 62 — 2.^a parte — **A chegada ao velho mundo**, trad. de Lino de Assunção. 1 vol.
A mulher do capitão Branican, trad. de Silva Pinto:
- 63 — 1.^a parte — **A procura dos naufragos**. 1 vol.
- 64 — 2.^a parte — **Deus dispõe**. 1 vol.
- 65 — **O castelo dos Carpathos**, trad. de Pinheiro Chagas. 1 vol.
- 66 — **Em frente da bandeira**, trad. de Manuel de Macedo. 1 vol.
A ilha de Hélice, trad. de Henrique Lopes de Mendonça:
- 67 — 1.^a parte — **A cidade dos biliões**. 1 vol.
- 68 — 2.^a parte — **Distúrbios no Pacífico**. 1 vol.
- 69 — **Clovis Dardentor**, trad. de Hígino de Mendonça. 1 vol.
A esfinge dos géios, trad. de Napoleão Toscano:
- 70 — 1.^a parte — **Viagens aos mares austrais**. 1 vol.
- 71 — 2.^a parte — **Lutas de marinheiro**. 1 vol.
- 72 — **A carteira do repórter**, trad. de Pedro Vidoeira. 1 vol.
O soberbo Orenoco, trad. de Aníbal de Azevedo:
- 73 — 1.^a parte — **O filho do coronel**. 1 vol.
- 74 — 2.^a parte — **O coronel de Kermor**. 1 vol.
- 75 — **Um drama na Livónia**, trad. de Fernando Correia. 1 vol.
- 76 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 1.^o vol.
- 77 — **Os naufragos do Jonathan**, trad. de Henrique Lopes de Mendonça. 2.^o vol.
- 78 — **A invasão do mar**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 79 — **O farol do cabo do mundo**, trad. de Joaquim dos Anjos. 1 vol.
- 80 — **A Aldeia Aérea**, trad. de José Coelho de Jesus Pacheco. 1 vol.
- 81 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 1.^a parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.
- 82 — **A Agencia Thompson & C.ª**, 2.^a parte. Tradução de J. B. Pinto da Silva e Diogo do Carmo Reis. 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND — R. Garrett, 73-75 — LISBOA



A EXPERIÊNCIA RECOMENDA:

“Só são Fogareiros Vacuum aqueles que têm gravada a marca Vacuum”

V. Ex.^a sabe-o bem. A sua criada dá-lo igualmente. Tôda a gente o afirma.
Porquê?

Porque são resistentes, práticos, asseados, duradouros, económicos, cozinham na perfeição, são portáteis e não consomem mais que 1½ decilitro de petróleo por hora.

Um conselho:

Se deseja obter ainda melhores resultados empregue unicamente petróleo Vacuum.

FOGAREIROS VACUUM

